

Dossiê: “Velhices e experimentações teórico-metodológico em antropologia”

Po(e)maredos¹ e itinerários motrizes a partir de duas paisagens de envelhecimentos e de velhices: encontros entre interlocuções, metodologias e poéticas

Natalia Negretti

Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo-
Pagu/Unicamp
natalia_negretti@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo analisa a interseção entre envelhecimento, instituições marcadas pela precariedade e metodologias etnográficas, baseando-se em pesquisas realizadas num centro de acolhida para idosos (*Estação Sentinela*) e numa ala hospitalar geriátrica (*Bruma Segreda*). Apresenta a perspectiva teórica de *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* e, a partir dela, explora como sujeitos habitam esses espaços, além das formas de visibilidade de seus cotidianos e subjetividades. No apresentar a poesia enquanto fenômeno etnográfico e ferramenta estratégica, enfatiza a importância da atenção ao silêncio, às interações cotidianas e ao ordinário, reafirma o compromisso com uma escrita antropológica que acolha as complexidades e impurezas que compõem os diversos processos de envelhecer e defende que a maneira de ouvir e narrar é essencial para conferir legitimidade e significado etnográfico às velhices em contextos conhecidos como aqueles de precariedade e de vulnerabilidade.

Palavras-chave: Antropologia urbana; Etnografia; População idosa em situação de rua, Paisagens de envelhecimentos e de velhices; Poesia etnográfica.

¹ Como conjunto de pomares, pomaredo intervindo de parênteses cria também um lugar de árvores de poemas.

Po(e)maredos and propellers pathways from two Landscapes of Aging and Old Age: encounters between dialogues, methodologies and poetics

ABSTRACT

This article analyzes the intersection between aging, institutions characterized by precariousness, and ethnographic methodologies, drawing on research conducted at a shelter for the elderly (*Estação Sentinela*) and a geriatric hospital ward (*Bruma Segreda*). It presents the theoretical perspective of *Landscapes of Aging and Old Age* and, building on this, explores how individuals inhabit these spaces, as well as the ways in which their daily lives and subjectivities are made visible. By presenting poetry as both an ethnographic phenomenon and a strategic tool, it emphasizes the importance of paying attention to silence, everyday interactions, and the ordinary; it reaffirms a commitment to anthropological writing that embraces the complexities and impurities that make up the diverse processes of aging, and argues that the way of listening and narrating is essential to conferring legitimacy and ethnographic meaning on old age in contexts known for their precariousness and vulnerability.

Keywords: Urban anthropology; ethnography; elderly homeless people; landscapes of aging and old age; ethnographic poetry.

Po(e)maredos y itinerarios motrices a partir de dos paisajes del envejecimiento y la vejez: encuentros entre diálogos, metodologías y poéticas

RESUMEN

Este artículo analiza la intersección entre el envejecimiento, las instituciones caracterizadas por la precariedad y las metodologías etnográficas, basándose en investigaciones realizadas en un centro de acogida para personas mayores (*Estação Sentinela*) y en un ala geriátrica de un hospital (*Bruma Segreda*). Presenta la perspectiva teórica de *Paisajes del Envejecimiento y de la Vejez*, y, a partir de ella, explora cómo los sujetos habitan estos espacios, así como las formas de visibilidad de su vida cotidiana y sus subjetividades. Al presentar la poesía como fenómeno etnográfico y herramienta estratégica, enfatiza la importancia de prestar atención al silencio, a las interacciones cotidianas y a lo ordinario; reafirma el compromiso con una escritura antropológica que acoja las complejidades y impurezas que conforman los diversos procesos de envejecimiento, y defiende que la forma de escuchar y narrar es esencial para otorgar legitimidad y significado etnográfico a las vejez en contextos caracterizados por la precariedad y la vulnerabilidad.

Palabras clave: Antropología urbana; etnografía; población de edad avanzada en situación de calle; paisajes del envejecimiento y de la vejez; poesía etnográfica.

Introdução

Tratar da velhice no Brasil não é tarefa fácil (Debert, 2000, p. 155)

Chegar a uma escrita que permita que um mundo se desvele, um mundo em que a vida pulse com as batidas do sofrimento e com os pequenos prazeres da vida cotidiana, é um desafio intimidado (Das, 2023, p. 17)

Envelhecimentos e velhices têm constituído meus itinerários antropológicos e estes têm se dedicado ao estudo de contextos frequentemente rotulados como "tristes" e ou "difíceis": *centros de acolhida para idosos* (CAEI), situação de rua, prisões e, mais recentemente, hospitais².

Ao longo do período de formação e produção na Antropologia, o envolvimento com essas instituições e situações revelou a mim que as noções de tristeza e dificuldade são também, além de locais, processuais. Assim, conforme esses lugares e relações deixaram de ser percebidos por mim sob a ótica da negatividade à medida que me aproximei de concepções de vida neles presentes e de estratégias ordinárias tanto em cursos da vida quanto na vida em cursos singulares e coletivos, tem sido uma tendência em meus trabalhos mirar fenômenos sociais a contar de simultaneidades.

Veena Das (2023) ao tratar de Aflição em obra que carrega o mesmo título nos conta que este não “ocorreu como resultado de um pensamento deliberado; antes, era uma espécie de palavra que me habitava e perseguia, pois estava mergulhada em minhas anotações de campo” (Das, 2023, p. 17, grifo meu). Não vou me debruçar no livro. Porém, como comecei a lê-lo no início de uma parte da escrita deste artigo, que trata minimamente de trajetos etnográficos reunidos nos dias, impossível não referenciar a leitura de Rosa Maria Giatti Carneiro³ acerca da *Aflição* de Das; uma aflição etnográfica e como esta pode ser sustentada num texto. Se a aflição etnográfica pode ser fio em comum entre tantas pessoas, ela vai ao encontro com o que Evans-Pritchard (1972) nomeou de fatos etnográficos⁴.

² Cabe notar que, em grande medida, envelhecimento e a velhices são também caracterizadas como processos tristes, além de “fofas”, em narrativas com as quais convivo, inclusive universitárias.

³ Agradeço a Rosa Maria Giatti Carneiro pela partilha de sua interpretação no *Grupo de Estudos Lendo Veena Das II – Aflição – saúde, doença, pobreza* sediado na Unicamp em módulo online. Agradeço à coordenadora do grupo, Taniele Cristina Rui, à pesquisadora Carolina Branco de Castro Ferreira e a todas as pessoas que o integraram.

⁴ Acerca da Aflição apontada por Das (2023) no livro com o mesmo nome, cabe mencionar a abordagem da autora: “À primeira vista, pode parecer que a diferença entre aflição e malheur corresponde à diferença

O texto está dividido em cinco partes. Na primeira, apresento um resumo de dois campos etnográficos vinculares. Na segunda, são expostos referenciais teóricos de extrema importância reflexiva para o que eu, Natalia Negretti (2023), compreendi e nomeei como *Paisagens de Velhices* e, por conseguinte, a continuidade da referida noção rearticulada em uma *perspectiva teórica-conceitual*, a de *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* (Negretti, 2025, 2026). Na terceira seção textual, trato de, a partir de um encontro de enredos, conteúdos e formas, primordialmente de ouvir e narrar, entre outros sentidos, bem como de subjetivações no meu trajeto com os contextos de envelhecimento e campos etnográficos com os quais trabalho. Nessa direção, na quarta, apresento uma discussão sobre poesia e poema etnográficos e sigo rumo à última, que relaciona Envelhecimentos, Antropologia e Poesia.

A seguir início a primeira seção do artigo.

Com Rastros e Rugas – Caminhos Metodológicos, achados e campos em amálgama

Conforme a própria etnografia, os dois estudos que baseiam esse artigo têm entrelaçados metodologia e achados de forma densa. Nesta parte do ensaio, apresento de forma resumida os trajetos de duas e vinculares pesquisas, uma defendida e outra em andamento: um estudo de doutorado, cuja realização foi possível primordialmente com e em um centro de acolhida especial para idosos (CAEI)⁵, cujo pseudônimo é *Estação Sentinela*, e outro, pós-doutoral⁶, realizado em uma ala, que identifico atualmente com o nome *Bruma Segreda*, de um hospital geriátrico.

entre uma experiência subjetiva de sofrimento e as condições objetivas que explicam a distribuição desigual do sofrimento, ou a diferença entre um movimento teológico em que o sofrimento coloca questões de teodiceia e uma análise que privilegia as condições econômicas e políticas enraizadas na economia política” (Das, 2023, p. 18). A autora apresenta seu interesse: “superar essas distinções, pois não desejo excluir questões relacionadas a instituições e condições objetivas ou as que se relacionam à experiência e aos processos de subjetivação. Afirmo, no entanto, que nenhum desses termos pode ser tratado como “algo dado” na análise antropológica” (Das, 2023, p. 18).

⁵ A pesquisa de doutorado *Veia arada: velhices e situações de rua, uma etnografia* (2023) teve orientação de Isadora Lins França e realizada na linha de pesquisa estudos de gênero do PPGCS-Unicamp, vinculada ao Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero.

⁶ Tenho trabalhado com dois projetos de pós-doutorado a partir deste campo etnográfico. Uma das pesquisas de pós-doutorado é alocada no Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero da Unicamp, com supervisão de Natália Corazza Padovani e a outra é sediada na Saúde Coletiva, a partir de um estágio de

No doutorado compreendi governamentalidades na articulação de políticas em torno de envelhecimento e situação de rua, tendo como foco os processos de institucionalização e os trânsitos envolvendo espaços de acolhida e pessoas idosas em situação de rua. O objetivo geral do estudo foi a compreensão de sentidos que a população idosa⁷ em situação de rua ganhou nas políticas públicas contemporâneas e as formas pelas quais essas políticas imprimem marcas nas trajetórias de pessoas atendidas como “pessoas idosas em situação de rua” em equipamentos públicos, trajetórias as quais também estão para além da categorização administrativa.

A estratégia metodológica primordial foi a realização de uma etnografia, cujo campo durou de 2016 a 2019, em um Centro de Acolhida Especial para Idosos (CAEI), denominado na tese como Estação Sentinela, gerido por uma instituição não governamental em convênio com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Assistência Social (SMADS) da cidade de São Paulo.

Com atenção a formas de gestão na Estação Sentinela a partir das regras internas e moralidades, envoltas em convenções em torno de gênero, idade, classe, raça e sexualidade no cotidiano, na etnografia, conferiu-se especial atenção ao exercício de reconstrução das trajetórias dos interlocutores, dos seus trânsitos entre diferentes instituições e das relações entre cuidado e controle que se desenhavam nesses percursos.

Em meio à etnografia, emaranharam-se também as políticas de assistência social e outras políticas municipais, como também de outras instâncias federativas, sugerindo diferentes sentidos e memórias acerca de velhices e situações de rua no âmbito da atuação do Estado. Tais emaranhamentos conduziram a uma estratégia metodológica adicional, a investigação dos processos sócio-históricos que relacionaram velhices, ruas e prisões desde a escravização, de modo a problematizar a ideia de que o encontro entre velhices e situações de rua trata-se de um fenômeno social absolutamente novo⁸.

pós-doutorado, na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, supervisionado por Nivaldo Carneiro Junior.

⁷ Refiro idosa conforme vínculo com a nomenclatura de políticas públicas voltadas a velhices: Pessoa Idosa.

⁸ Cabe mencionar, nesse sentido, que a tese partiu do argumento da velhice em situação de rua desde o longo período escravocrata, com ênfase analítica enfocada na *Lei dos Sexagenários*, cujo debate, a um só tempo, problematizava e denunciava a relação com as ruas e com as prisões de pessoas escravizadas mais velhas (tanto como um vínculo já existente quanto como um risco).

O estudo se atentou, desta forma, à simultaneidade de processos de acolhida e recolhida. Em termos de políticas de Estado, apontou em seu trajeto que se a problemática “pessoa idosas em situação de rua e velhices articuladas à vida nas ruas” não é nova, o tratamento dado a ela sim. Como binômio, acolhida-recolhida, alude, entre outras questões nos relacionais atos de acolher e recolher, que serviços de atendimento a pessoas em situação de rua acolhem *necessidades básicas* e consideram *subjetividades* não necessárias, recolhendo o acesso e o cumprimento desse direito. Ademais, que se o primeiro processo, institucionalização por meio de centros de acolhida é predominante no reconhecimento que estabelece um equipamento público e transforma em um sujeito de direitos a “Pessoa Idosa em situação de rua”, o segundo, vinculado à privação de liberdade, continua a produzir também situações de rua (Negretti, 2023).

Durante a etnografia de três anos realizada para a pesquisa de doutoramento, o acompanhamento de rotinas foi feito sem roteiros rígidos de entrevista quando estas foram feitas e gravadas. O uso de diários de campo foi recorrente e as fotografias já eram focadas em espaços e objetos desde o início, tornando-se, ao longo dos anos, uma estratégia também de evitar o estigma do(s) rosto(s) em situação de rua. Já na *Estação Sentinela*, acompanhar interlocutoras em sua rotina apresentou-se como uma troca possível para que conversássemos. Essa troca tinha diferentes formas de acontecer; desde convites de minha parte (me convidar) aos delas; ser convidada por elas, receber pedido de ajuda e ainda ouvir enquanto andavam e ou faziam suas atividades.

O *muito o que fazer*, embora eu não tenha explorado na tese, é uma das poucas generalizações a partir do meu campo etnográfico; toda pessoa — frisemos, também as mais velhas — têm o que fazer muito mais do que muitas pessoas supõem. As atividades de alguém são também construídas de forma singular, assim como sua importância. No que concerne à circunscrição etnográfica, os *tanto o que fazer* se articulavam a como fazer e era diante de algumas dessas maneiras que minha companhia podia ser uma presença ou não. Já em relação a um dos achados em *Veia arada* que não escrevi, vale atentar que se desde o projeto de doutorado minha ideia era trabalhar com trajetórias de vida, o que a interlocução permitiu conhecer quebrou um também estereótipo acerca da *Velhice*⁹; um saudosismo, um gosto generalizado e genérico acerca do passado, um apreço intenso de falar do que foi.

⁹ *Velhice com V* fazendo menção à letra maiúscula, proposta por Isabelle Stengers (2017) ao diferenciar *Ciência e ciências*.

Esses eixos estereotípicos, que formam um conjunto harmonioso para quem pressupõe ruptura entre presente e passado, incidia ainda em outros rastros problematizadores; lembrar leva tempo, gasta tempo & o presente muitas vezes não permite tal tempo, além do não querer e ou não gostar de lembrar que continua enquanto possibilidade ao longo da velhice de uma pessoa. Dessa forma, a possibilidade de lembrar com gosto ou desgosto, de não querer recordo ou olvido, de desejar cada um deles ou, ainda, de consecutivamente ambos, mostra-nos que se a lembrança tem a ver com etapa de vida dos sujeitos, ela está em grande medida envolvida ao que no período está sendo vivenciado em uma etapa, em um aniversário, em uma rotina, em um chão, em uma cidade. É impossível a não articulação de encontros coletivos e individuais de contagem e de mais de uma dimensão, também de percepção, do tempo (recordemos de Kairós e Cronos, Deuses na mitologia grega, do Orixá Iroko, na iorubá, e de Nkisi Kitembu, na bantu) em quem lembra e em quem esquece. Destarte, nem lembrar e nem esquecer acontece com apenas de uma direção temporal, muito menos exclusiva.

Também a partir de encontros temporais que os dois estudos aqui abordados se vincularam. Foi durante a pesquisa doutoral que tive conhecimento da existência da instituição à qual me debruço atualmente no pós-doutorado. No trajeto de pesquisas por palavras-chave, certa noite encontrei uma imagem em preto e branco¹⁰ que estava disponibilizada numa página do facebook. Recentemente encontrei a mesma imagem impressa em mural do O Museu de Saúde Pública Emílio Ribas, conforme abaixo:



Mural do Museu de Saúde Pública Emílio Ribas. Foto: Natalia Negretti.

¹⁰ Tal imagem é referenciada em um equipamento museológico público como parte do acervo municipal de São Paulo. Entretanto, em busca presencialmente pela foto no arquivo a mesma não foi encontrada até o momento.

Pois bem, ainda que com a imagem mais próxima e contrastada, é difícil ler as palavras que me chamaram atenção na primeira vez que vi a foto; *SYLO DE MENDICIDADE* refere o Asylo de Mendicidade, fundado em 1885, conforme mudança de endereço da Santa Casa de São Paulo – da Rua da Glória para a Rua Dr Cesário Mota Junior com a pretérita nova construção e inauguração (1884) do hoje chamado Hospital Central da Irmandade da Santa Casa de São Paulo¹¹.



Imagem aproximada do Asylo de Mendicidade. Mural do Museu de Saúde Pública Emílio Ribas. Foto: Natalia Negretti.

Essa imagem, combinada com a legenda do Museu de Saúde Pública Emílio Ribas e o estudo etnográfico que atualmente realizo, enfatiza uma série de dificuldades a respeito da instituição inaugural do que hoje é o Hospital Geriátrico Dom Pedro II. O não conhecimento sobre o Asylo de Mendicidade está desde o não reconhecimento dele na legenda no museu como entre parte de algumas pessoas funcionárias e habitantes interlocutoras. O objetivo geral deste estudo é, a contar de uma análise, compreender categorias e interseccionalidades nos documentos do acervo institucional e nas alas instituição. A pesquisa, portanto, tem se constituído comprometida com uma etnografia, envolvendo convívio, por meio de visitas, com pessoas, documentos, arquivos, mais que humanos, conforme habitantes vegetais longevos e gatos do Hospital, com passado e presente, com partilhas de tempo e de ordinariedade de vidas singulares, coletivas e institucionais.

¹¹ A foto também nos faz indagar a legenda no Museu, a qual não referenciou o Asylo de Mendicidade.



Portão da Estação Sentinela. Foto: Natalia Negretti (2023)¹²

O Hospital Dom Pedro II é perspectivado na etnografia atual enquanto unidade hospitalar e patrimônio. Em relação a esta, nos termos de concepção Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert (2013, p. 204) tal instituição pode “representar as ‘evidências materiais da história’ da cidade, para refletir sobre o ato de destruição e criação de suas formas como parte da interpretação de seu acervo”.

No que refere a instituição hospitalar Dom Pedro II, Assim como a Estação Sentinela, é atravessada por políticas socioassistenciais em pretérito e em presente tempo. As duas instituições (a Estação Sentinela, um CAEI, e o Hospital Dom Pedro II, uma unidade hospitalar geriátrica) são habitadas (a primeira, de acordo com a regra do equipamento, em totalidade e a segunda, em parte) por pessoas consideradas em situação de rua.

Cronologicamente, o encontro entre saúde e assistência social como políticas públicas na Estação Sentinela, após a conclusão do estudo, se deu por meio da presença de uma profissional da enfermagem no centro de acolhida especial para idosos (CAEI). Já no Hospital Dom Pedro II, essa relação pode ser considerada como um vinco em

¹² Esta imagem contempla o volume 2, fotoetnográfico, da tese *Veia arada: velhices e situações de rua, uma etnografia* (Negretti, 2023).

transformação desde sua criação, antes, portanto do século passado, entre assistência social, filantropia, irmandade religiosa e saúde, ou seja, antes da área assistencial e de saúde serem transformadas em políticas e em instância de diversas dimensões estatais.

É necessário considerar, entretanto, o vínculo entre estas instituições com processos de estado-nação, cuja trajetória envolve, incontestavelmente processos coloniais, dispositivo escravização intersecular e processos imperiais.

Dessa forma as duas pesquisas têm como fio condutor políticas populacionais e políticas de controle e friso concernente a trânsitos entre diferentes instituições, cujas modalidades têm de ser preservadas nas concepções teórico-etnográficas, chamadas muitas vezes de instituições de confinamento, e que na perspectiva dos estudos pendulam controle e cuidado.

A seguir, apresento, ainda que de forma sucinta, pressupostos e referências teóricas interligadas em meus estudos e com as quais uma concepção que envolve as duas etnografias dialoga de forma direta.

Pomar de bases, discussões e posicionamentos teóricos

É preciso reconhecer [...] que, se a responsabilidade individual pela escolha é igualmente distribuída, os meios para agir de acordo com essa responsabilidade não o são (Debert, 2000, p. 155)

A abundante presença teórico-metodológica, em diversas temáticas no estudo concluído e outros, da pesquisadora e professora Guita Grin Debert, primeira pesquisadora sobre velhice e primeira antropóloga que li, que tem importância propulsora articulada em meu curso de vida e trajetórias, também formou e forma diferentes gerações de pesquisadores. Entre seus estudos, que também construíram contribuições valiosas às áreas e aos campos de estudos de gênero, sexualidade, família, cuidado e feminismos, com as quais também me vinculo, primordial é um conceito divisor de águas: *reprivatização da velhice* (Debert, 1999), que atenta a análise acerca do envelhecimento para, além de visibilidade, socialização e preocupação social com velhices, também simultaneidades.

A autora atentou que “pensar na visibilidade alcançada pela velhice é atentar para o duplo movimento que acompanha sua transformação em uma preocupação social” e nos apresenta uma socialização progressiva da gestão da velhice e processos de reprivatização da velhice. O primeiro movimento faz referência à transformação da velhice em uma questão pública; “socialização progressiva da gestão da velhice; durante muito tempo considerada como própria da esfera privada e familiar” (Debert, 1999, p. 13-14). E este

tem como um dos efeitos a reprivatização; “Por outro lado, nesse movimento de socialização não está ausente o que venho chamando de processos de reprivatização, que transformam a velhice numa responsabilidade individual – e, nesses termos, ela poderia então desaparecer do nosso leque de preocupações sociais” (Debert, 1999, p. 13-14).

A teoria de Debert, além da importância incontestável nos estudos sobre envelhecimento, foi, com certeza, um impulso teórico para a atenção à relação entre visibilidades, envelhecimentos e velhices. Desse modo, assim como, se em caso afirmativo quando se chega até a fase nomeada, jurídica e etariamente, velhice, não se envelhece sem corpo, sem subjetivação e sem marcadores sociais da diferença articulados, não se envelhece em nenhum lugar; quando se envelhece e se vive a velhice é em algum lugar, se está em algum lugar.

O conceito de *Reprivatização da Velhice* (Debert, 1999) forneceu-me uma lente crítica que permite desconstruir não apenas, o que não seria pouco, uma ideia homogênea de velhice, mas me levou ao interesse da reprivatização a partir de engrenagens de controle e de cuidado e a partir da desigualdade que atravessa não apenas a etapa da velhice no Brasil, mas o curso da vida, a longevidade, o envelhecer no Brasil. De tal forma, primordial foi o conceito de Debert (1999) para a formulação do que compreendi, na pesquisa de doutorado por *Paisagens de Velhices* (Negretti, 2023), que apresento a seguir.

Paisagens de Velhices

E *locais afora dos idealizados* para envelhecer e ou *não lugares* para uma *pessoa idosa idealizada*? Hierarquizados também são em termos de visibilidade? Lugares e habitantes cuja visibilidade é primordialmente envolta de moralidades são considerados a partir de quais ângulos em diferentes perspectivas teóricas? Essas eram uma de minhas inquietações. Como as velhices são significadas por habitantes daqueles lugares específicos em que desenvolvia trabalhos de campo e como eram representadas por quem não ali, em diversas dimensões articuladas a arranjos socioculturais?

Com um conjunto de estudos e contribuições teóricas e metodológicas, desde os pioneiros até articulados com diferentes facetas do processo e da etapa que constituem envelhecer, sabemos já desde essa autora, que gênero é “relacional” e que a dupla gênero e idade é crucial “para entendermos certas categorias sociais” (Debert, 1994, p. 33). Esta referência é primordial para a compreensão da idade como uma atriz nada coadjuvante de diferentes políticas públicas, tais como as socioassistenciais e as de saúde, com as quais a população idosa densamente é vinculada por governamentalidades.

No entendimento de velhice como identidade inconstante, conforme Julio Assis Simões (2000), embora os chãos de velhices que eu acompanhava fossem e sejam habitados de diversificadas maneiras e marcados por distintas visibilidades, algumas delas, estigmas e estereótipos apresentavam e apresentam rigidez e pouca maleabilidade.

A tomada da Estação Sentinela como *Lugar-chave* (FRANÇA, 2010) e sua escolha como local de realização da etnografia permitiu que eu atentasse a um espaço de atendimento a duas populações vistas anteriormente como separadas (população em situação de rua e população mais velha), mas que, ao se constituir pelos seus entrelaçamentos cotidianos, começaram a ser vistas como um sujeito político específico, em torno do qual também se constituíam moralidades particulares.

Segui, portanto, a noção de *Lugar-chave* de Isadora Lins França (2010, p. 5). A autora escolheu para sua observação etnográfica *lugares-chave*, que articularam a um só tempo aproximação com seus interlocutores que indiquem “quais sentidos atribuem a esses lugares” e consideração de que lugares e pessoas mutuamente se constituem; “os lugares ganham bastante importância, não só porque permitem o acesso a esses homens, mas também porque considero que esses sujeitos os constituem e são constituídos por eles”. A estratégia combinada da autora, “seguir os itinerários percorridos pelos [...] interlocutores e os lugares tidos como referenciais para eles” (FRANÇA, 2010, p. 5), foi um direcionamento no doutorado.

Na consideração e convívio com esse *lugar-chave* (FRANÇA, 2010), percebi a *Estação Sentinela* como *paisagem* que, com movimento, forma e é formada, nos termos de Milton Santos (1988, p. 21), por um “mosaico de relações, de formas, funções e sentidos”. Sob tal concepção de *paisagem* é possível indagar essa instituição e sua modalidade como uma configuração articuladora de realizações – atuais e do passado. Esse ritmo de percepção configurou também um alargamento da ideia de presente no estudo, ao mesmo tempo que presentificou heranças coloniais em relação à articulação entre velhice e situações de rua. Santos (2006, p. 91) assevera que “O que na paisagem atual, representa um tempo do passado, nem sempre é visível como tempo” e propôs que “chamemos Rugosidade ao que fica do passado” (p. 92).

Parte dos encontros entre moral, moralidades e velhices na etnografia na *Estação Sentinela* e a partir dela pôde ser compreendida também a partir de um *sistema hierárquico de valoração da velhice* (Henning, 2014). A contar de uma distância em relação à *norma mítica*¹³

¹³ *Norma mítica*, nomeada por Audre Lorde (2019, p. 143) “é normalmente definida como branco, magro, homem, jovem, heterossexual, cristão e financeiramente seguro”. Ainda que Lorde se refira a essa norma nos Estados Unidos, é importante reconhecer que a *norma mítica* pode ser estendida a outros contextos, como o brasileiro, mediante lógicas ocidentais, também referenciadas por Lorde: “Boa parte da história

proposta por Audre Lorde (2019), apesar de em muitos aspectos interlocutores estarem próximos, na perspectiva da *pirâmide da boa velhice* (Henning, 2014), às “não-tão-boas-velhices” e “más-velhices”, é necessário dizer que no que concerne a performances de gênero elas e eles estão relacionados a teias hegemônicas.

A visibilidade da velhice encarada por sua socialização e processos que “transformam a velhice numa *responsabilidade individual*” (Debert, 1999, p. 14), a *reprivatização da velhice* (Debert, 1999), nesses chãos funcionava de qual maneira? Como essa articulação se formou e se experencia? Como esses encontros entre contextos e situações eram vivenciados, considerados por campos de estudos, áreas científicas, movimentos sociais, entre outros?

Atentar-se a alguns “modos públicos de ver e ouvir”, conforme perspectiva de Judith Butler (2011, p. 29), a rua, as instituições e velhices forma uma demanda de atenção aos mecanismos de humanização e desumanização que geram enquadramentos operadores “nem dentro, nem fora da imagem, mas através da própria moldura que contém a imagem” (Butler, 2011, p. 30). Essas questões em entroncamento conformavam e conformam, deste modo, uma articulação entre vulnerabilidade, precariedade, instituições e envelhecimento, aproximando-se de uma *paisagem*.

A palavra *paisagem* reivindica, na abordagem teórica de Javier Maderuelo (2006, p. 38, tradução minha) “uma interpretação, a busca de um personagem e a presença de uma emotividade” e “não é, portanto, o que está aí diante de nós, é um conceito inventado ou, melhor dito, uma construção cultural. A paisagem não é um mero lugar físico, mas o conjunto de ideias, sensações e sentimentos que elaboramos a partir de um lugar e seus elementos constituintes” (MADERUELO, 2006, p. 38, tradução minha).

Euler Sandeville Junior (2004, p. 3) a destaca como “realidade relacional”: “depende da escala da observação, depende do enfoque privilegiado, depende das relações reconhecidas não só entre os objetos, mas entre as escalas em que são investigados”. Ao tramar o reconhecimento como elemento de interação com e na paisagem, o autor apontou a partilha das paisagens uma dimensão fundamental pela qual o autor concebe seu “sentido dependente”: “As paisagens existem em uma constante tensão entre os objetos geográficos enquanto fatos materiais e as representações que, a partir da percepção

européia/ocidental nos condiciona para que vejamos as diferenças humanas como oposições simplistas: dominante/dominado, bom/mau, cima/embaixo, superior/inferior. Em uma sociedade em que o bom é definido em relação ao lucro, e não em necessidades humanas, deve sempre existir um grupo de pessoas que, mediante a opressão sistemática, pode ser levado a se sentir dispensável, ocupando o lugar de inferior desumanizado”.

e da experiência deles, construímos”. Paisagem, para o autor, como “uma experiência e não apenas um objeto material ou apenas uma representação” (SANDEVILLE-JR, 2004, p. 4), requer a partilha. Dessa forma,

Paisagens são experiências partilhadas pelas pessoas que têm nela sua vida, na qual o pesquisador, frequentemente um estranho ao lugar, se insere de modo muito específico e por tempo limitado, partilhando dessas experiências e partilhando as suas: usufruindo de um uma realidade essencialmente coletiva e de uma herança de gerações. Ou seja, o sentido da paisagem não pode ser dado apenas pelo universo teórico e existencial do observador, sob o risco de um estereótipo. Na verdade, a paisagem é mais intensamente revelada a partir das pessoas que têm nela uma experiência comum (comum em dois sentidos: de corriqueiro e de coletivo). São as pessoas que nos ajudam a ver a paisagem, nos ensinam a entendê-la e percebê-la; sem elas não atinaremos o conteúdo específico de cada paisagem (SANDEVILLE-JR, 2004, p. 4, grifo meu).

É neste conjunto e diálogo entre referências teóricas que concebi *Paisagens de Velhices* como um *campo relacional entre paisagens, velhices e envelhecimento juntamente de visibilidades e sensibilidades destas e deste e frente a estas e este. A perspectiva de enquadramento, maneira de apreender e sensibilidade se vinculam nessas relações sob perspectivas, direta e indiretamente, unidas tanto a/por pessoas e aos/por seus cotidianos como aos/por campos do saber* (Negretti, 2023).

O conceito de *Reprivatização da Velhice*, formulado por Debert (1999), influencia profundamente a direção analítica de meus estudos e a forma pela qual miro envelhecimentos e velhices. Com tal referencial, é possível enquadrar a visibilidade social do envelhecimento e a responsabilidade individual atravessada por desigualdades. O Duplo Movimento - da socialização/tornar-se questão pública e reprivatização, que transforma o envelhecimento em uma responsabilidade individual é cobrada com ênfase de outros eixos interseccionais de indivíduos que vivem em contextos de precariedade.

Além desse ponto de partida de compreensão acerca da desigualdade de meios e formas possíveis de e para envelhecer mostrar que se responsabilidade pela "escolha" de como envelhecer seja distribuída individualmente, os meios para agir de acordo com essa responsabilidade não o são, conforme a epígrafe desta seção (uma citação de Debert), ainda em diálogo com a autora, se a reprivatização pode fazer com que certas velhices "desapareçam do leque de preocupações sociais" são elementos não preocupantes que a partir da mesma lógica de reprivatização passam a ser ignorados e quando não, quando visibilizados, são revestidos por enquadramentos de uma compreensão perversa; a de que determinados elementos, enredos, situações e contextos de e em envelhecimentos e em velhices tratem-se de responsabilidades individuais e mais, de fracassos individuais.

Nesse sentido, dinâmicas visibilidades e invisibilidades de envelhecimentos e de velhices a contar do conceito de *Reprivatização da velhice* ocupam um lugar central de

observação e reflexão num de seus conceito-fruto, o de *Paisagens de Velhices* (Negretti, 2023), construído no doutorado e na continuidade deste; uma perspectiva teórica-política, *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* (Negretti, 2025, 2026), apresentada a seguir.

*Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices*¹⁴

A perspectiva teórica-política *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* é desdobramento contínuo da noção de *Paisagens de Velhices* formulada a contar da tese doutorado que alia duas referências teóricas também tramadas entre si¹⁵. *A paisagem de Envelhecimentos e de Velhices* que visitei durante o doutorado abarca "indesejadas" e "incômodas" velhices vinculadas com contextos, chãos e situações não quistas também em diferentes etapas do curso da vida, porém mais investigadas em outras etapas da vida ou ainda sem atenção à idade e ou à geração; ruas e prisões.

Apenas em 2025 é que passei a visitar o Hospital Dom Pedro II, instituição para e com a qual estou enfocada no pós-doutorado. É importante mencionar que enquanto hospital geriátrico, esta instituição conforma uma *Paisagem de Envelhecimentos e de Velhices* dentro da faixa de visibilidade nos estudos sobre envelhecimento de forma mais abrangente. Importante frisar também que a vinculação com saúde gera uma visibilidade até mais *naturalizada* dentro das hierárquicas formas de mirar velhices e envelhecimentos.

Carlos Eduardo Henning (2014) já atentou como a *Reprivatização da Velhice* (Debert, 1999) influencia a hierarquização das velhices ao formular a *Pirâmide da Boa Velhice* (Henning, 2014). Aos estratos superiores dela, o autor conferiu, entre outros, “performances de gênero próximas das tidas como dominantes” p. 107) ao passo que:

figurando abaixo do topo da pirâmide e prosseguindo até a base, conformando “não-tão-boas-velhices” ou mesmo “más-velhices” (e ordenados de maneira não necessariamente vertical, nem consecutiva), poderiam ser citados: velhos frequentemente adoentados, com práticas sexuais homoeróticas e/ou identidades homossexuais, assim como transgêneros e transexuais, os que não se aposentaram ou não recebem pensões, pobres ou de classes populares, os solteiros, sem filhos, que não controlam as emoções, com relações distantes ou inexistentes com a família de origem, sem fontes de apoio social sólidas na velhice, dementados, altamente dependentes, sem controle sobre as funções corporais, com mobilidade reduzida, baixa escolaridade, que não se envolvem

¹⁴ Ao longo do texto utilizarei também a abreviação da perspectiva teórica: PEV.

¹⁵ Me refiro aos conceitos *Reprivatização da Velhice* (Debert, 1999), já apresentado, e *Pirâmide da Boa Velhice*, de Carlos Eduardo Henning, citado anteriormente e ao qual me atentarei adiante.

nos programas voltados a idosos, que concebem a sexualidade como um âmbito encerrado (assim como os que experimentam a sexualidade de uma maneira vista como indiscreta, desordenada, inconveniente ou excessiva), que não mantêm um estilo de vida jovial ou ativo, que são vistos como incapazes de gerir individualmente os desafios do envelhecimento, entre outros fatores (HENNING, 2014, p. 107).

Com ambos os conceitos enveredei através de *Paisagens de Velhices* (Negretti, 2023) a considerar a hierarquização também de análises e estudos, tanto os voltados a envelhecimentos e velhices quanto aos em que estes fenômenos são, hierarquicamente, considerados ou desconsiderados.

Em continuidade com uma *postura geracional* (Motta, 2002), ao reconsiderar o diálogo entre o conceito de *Reprivatização da Velhice* (Debert, 1999) e o de *Pirâmide da Boa Velhice* (Henning, 2014), a perspectiva teórica e política *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* (Negretti, 2025; 2026) passou a perseguir de forma mais densa a relação entre imagem e moralidade enquanto efeito (e, nesse sentido, cambiável) da socialização e da hierarquização da socialização da velhice (enquanto tema de vida, social e de estudo).

E é desse modo que a perspectiva de *PEV* entrelaça a sua trama outras referências conceituais; *idoso idealizado* e *idoso de carne e osso* (Concone, 2007) construído por Maria Helena Vilas Bôas Concone (2007) ao compartilhar sua ideia de que “a presença de idosos “nos nossos espaços” nos confrontaria com a passagem do tempo para nós próprios, nos obrigaria a encarar nossa fragilidade e nossa finitude” (Concone, 2007, p. 21).

Apesar da motivação da autora ao abordar também que a negação *do idoso de carne e osso* significa a negação da finitude, em seus termos, ou seja, Concone enfoca o tema da finitude como incômodo central, é notável que a autora impulse uma reflexão acerca de presenças e não presenças, objetivas e não objetivas, como dimensões de velhices e de envelhecimentos, na ciência com C, conforme Stengers (2017) na escolha acerca de temas e enfoques. Aqui, conheçamos sobre a idealização abordada por Concone (2007). Nota-se que a partir desse diálogo, após a citação passarei a utilizar a noção *pessoa idosa idealizada* e *pessoa idosa de carne e osso* em conformidade com a Lei 14.423/2022¹⁶:

De carne e osso porque o “idoso idealizado” é objeto de respeito, “pela sabedoria acumulada”, pela “experiência”, pela “memória”. A idealização do

¹⁶ Lei em vigor desde 25 de julho de 2022, que, a partir da busca por maior inclusão de gênero alterou a Lei 10.741/2003 para substituir as expressões "idoso" e "idosos" por “pessoa idosa” e “pessoas idosas”.

idoso é a contrapartida e o reforço da negação de fato. Nessa linha de idealização respeitosa jamais entraria em consideração que um idoso no ônibus na hora do rush pudesse ser, por exemplo, um “velho batedor de carteiras”... Por quê? Porque parece um contra-senso. Afinal é um idoso, por definição indefeso e “bom”. No idoso de carne e osso, entretanto, a sabedoria é relativa, a experiência ultrapassada, a memória repetitiva e a bondade cansativa ou inexistente (Concone, 2007, p. 21).

Ora, a *idealização da(s) pessoa(s) idosa(s)* é perspectivada aqui como efeito da reprivatização da velhice (Debert, 1999) em dois sentidos; socialização da velhice e da responsabilidade individual. Dessa forma, tal idealização constrói uma limitação de compreensão e de interesse também *moral*, como a *Pirâmide da Boa Velhice* (Henning, 2014) acerca da *Pessoa(s) idosa(s) de Carne e Osso*. Assim, a *idealização da pessoa idosa* constrói uma relação com *Pessoa(s) idosa(s) de Carne e Osso e com o que não é idealizado*, como contextos, situações, chãos de envelhecimento e de velhices. Além disso, a problematização da *Pessoas idosa de carne e osso, conforme* Concone (2007), nos convida a perguntar se há historicamente uma dicotomia entre violência e velhice em termos dos estudos urbanos nas ciências sociais e em que lugares o tema e grupos, pessoas e população idosos têm sido mais considerados ou não.

Este texto sequer tem, além de pretensão, possibilidade se aproximar de uma resposta, mas tem a intenção de, no apresentar a perspectiva *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices*, impulsionar essas e outras problematizações, como a de Alda Britto da Motta (2002, p. 37) ao apresentar teórica-politicamente a importância de uma *postura geracional*, com a qual *PEV* se alia. No contexto em que apresentou tal posicionamento, também enquanto exercício, Britto da Motta (2002) tratou o enfoque na idade e geração como uma *pendência teórica*: “diferenças e preconceitos construídos nas relações entre as idades e gerações, ainda intraduzível o neologismo “ageism”¹⁷[...]sobre o modo como se constróem e exercitam as desigualdades e as exclusões, quanto ao gênero (sexismo), à raça (racismo) e às posições de classe”.

O questionamento necessário de Britto da Motta (2002) teve ao longo dos anos resposta? Partindo do quanto é importante refletir e lembrar, caso a consideração fosse de que “sim, houve respostas”, o exercício seria “quais continuidades e transformações do que Motta (2002) considerou uma pendência teórica nos campos feministas?”. Deste modo, a *postura geracional* é contínua e a problematização em conjunto com as

¹⁷ Atualmente, no Brasil a circulação do fenômeno, talvez mais que de uma tradução, tem sido feita a partir de *idadismo* e *etarismo*. Em outra ocasião, fiz uma reflexão acerca do termo etarismo, conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS). Ver Negretti (2023).

perspectivas de Motta (2002) e de Concone (2007) nos levam à importância de consideração de *Pessoas idosas de carne e osso* em diferentes campos de estudo, sejam eles antropológicos, multidisciplinares, científicos com C ou com c, nos termos de Stengers (2017).

Por fim, amalgamada à noção de habitar formas de vida específicas, de Adriana Vianna (2023), está a perspectiva de *PEV*. Com ela, busquei e busco o compromisso de coabitar (Vianna, 2023) a *Estação Sentinela* e a *Bruma Segreda*, respectivamente, a contar de visitas.

Na perseguição destas relações, *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* fazem compreender que se a velhice é frequentemente reduzida a uma gestão e preocupação individual, com diferentes mecanismos que torna mais difícil uma concepção coletiva acerca de *Envelhecer*, as paisagens constroem como um dos pontos de intervenção um reconhecimento associado; o da *subjetividade* e da *singularidade*¹⁸ de pessoas junto às de suas trajetórias associada a contextos específicos, ou seja, às *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* em que estão inseridas. É numa e a partir de uma da *Paisagem de Envelhecimentos e de Velhices* que a lógica da *Reprivatização da Velhice* (Debert, 1999) opera. *PEV* não quistas, por exemplo, como prisões e ruas, tiveram historicamente nos estudos sobre envelhecimento tiveram pouco espaço de reconhecimento como vias e contextos de envelhecer.

Simultaneamente, *PEV*, como prisma conceitual, abre fresta também para os estudos de e ou sobre urbanidade e violência; traz para estes campos, historicamente adultocêntricos, de compreensão de cenários pessoas mais velhas e processos de envelhecimento amalgamados a processos urbanos e não a reiteiração de um antagonismo etarista, com duas complementares direções. A primeira, vinculada a pessoas mais velhas, pressupõe uma distância entre pessoas idosas e violências nomeadas ao longo das décadas como urbanas e ou de práticas não associadas a uma “boa velhice”, nos termos da pirâmide de Henning (2014) e a uma *pessoa idosa idealizada*, nos termos de Concone (2007) e a segunda, também com uma certa naturalidade, mantém firme a associação entre juventude e tais cenários.

Evoco aqui a frase de Junquillo, interlocutor da pesquisa *Veia arada*: “todo canalha envelhece” e a problematização de Maria Helena Vilas Bôas Concone (2007) como lembrete aos campos de conhecimento:

¹⁸ Parto da noção do senso comum primeiramente; o conjunto interpretativo e de interação de cada pessoa singularmente. Ainda conforme desdobramento da pesquisa de doutorado, tateio *singularidade* também a partir de rastros do chão partilhado na *Paisagem de Envelhecimentos e de Velhices* que habitei. Singularidade enquanto unicidade marca distinção de e entre pessoas em instituições e forma de vida em que a individualidade denota existência e requer, junto com subjetividade, diariamente lembretes.

De carne e osso porque o “idoso idealizado” é objeto de respeito, “pela sabedoria acumulada”, pela “experiência”, pela “memória”. A idealização do idoso é a contrapartida e o reforço da negação de fato. Nessa linha de idealização respeitosa jamais entraria em consideração que um idoso no ônibus na hora do rush pudesse ser, por exemplo, um “velho bater de carteiras”... Por quê? Porque parece um contra-senso. Afinal é um idoso, por definição indefeso e “bom”. No idoso de carne e osso, entretanto, a sabedoria é relativa, a experiência ultrapassada, a memória repetitiva e a bondade cansativa ou inexistente (Concone, 2007, p. 21).

A partir desta combinação teórica, *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* refere a relação entre dois conjuntos; 1. relação entre paisagens, velhices e envelhecimento em enquadramentos e regimes de visibilidade e 2. vínculo entre sensibilidades e sensibilização e paisagens, velhices e envelhecimentos. Tais conjuntos são primordiais para percepção, consideração e legitimidade de paisagens de envelhecimentos e de velhices em âmbito coletivo e social. A perspectiva de enquadramento, maneira de apreender e sensibilidade se vinculam nessas relações sob perspectivas, direta e indiretamente, unidas tanto a/por pessoas e aos/por seus cotidianos como aos/por campos do saber. *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* se encontram a partir de moralidades e a um marcador, que também deve ser considerado pela mesma perspectiva conceitual, conforme exponho a seguir.

Moradia enquanto marcador

Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices têm uma relação direta com a moradia. Esta tem extrema importância em estudos interseccionais de velhices e envelhecimentos e é uma atenção trazida pelos estudos da população em situação de rua. O estudo da situação de rua visibiliza a compreensão de não ou sem moradia, a depender da perspectiva, mas vai além disso; alarga a compreensão de moradia.

A moradia é um marcador de suma importância nas considerações sociais; se a moradia é atravessada por presença ou ausência de propriedade, seja esta alugada ou própria. Existe uma diferenciação densa em torno de, além de outros fenômenos sociais, subjetivação, condições e acessos no Brasil a partir do marcador de moradia que envolve propriedade, diferenciada entre própria ou de terceira pessoa/alugada/emprestada/ocupada, e sem propriedade, com variação também de acordo com qual forma de *moradia*, de *acordar* e de *adormecer* que não vinculada à propriedade própria ou alugada/emprestada/ ocupada, por exemplo, rua strictu sensu e centro de acolhida.

Neste último caso, é importante ainda saber se a instituição, um centro de acolhida, é habitado por um público específico. Aqui há uma vinculação muito importante com o *marcador moradia*, pois as políticas públicas vinculadas a habitares ou ainda criadoras de

habitar, ou seja, não necessariamente de habitação) são operacionalizadas em municípios, mas não necessariamente por eles. Trago como exemplo os CAEI, que são operacionalizados pela prefeitura de São Paulo e o Hospital Dom Pedro II, ambos com convênio, em contraste com as unidades prisionais na cidade, que são administradas pelo governo do estado.

A moradia, considerada um marcador social de suma importância na etnografia apresentada aqui brevemente, a partir da perspectiva de *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* se apresenta como fundamental para a compreensão não exclusiva de determinados contextos de envelhecer, mas da relação entre eles, entre diferentes chãos e suas formas nos estudos sobre envelhecimento, pois define não apenas o local físico onde se vive, mas se atrela às condições em amplitude, desde subjetivação, singularidade e acesso a direitos às formas de controle e de cuidado.

A importância desse marcador se manifesta em diferentes etapas do curso da vida. A partir da moradia e na diferenciação e consideração dos chãos em que se envelhece, tal qual propõe a perspectiva *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices*, é importante mencionar que a moradia incide na visibilidade e invisibilidade de sensibilidade social. A moradia atua como um filtro de visibilidade nas discussões públicas sobre a velhice. Neste crivo, determinadas *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* — como as ruas, prisões e centros de acolhida — são frequentemente invisibilizadas em grande parte das discussões sobre velhices e podem ser tratadas apenas sob o viés do estigma e da violência, ao contrário de envelheceres em posições satisfatórias na *pirâmide da boa velhice* (Henning, 2014), se justamente tais lugares não forem estudados enquanto temas (e ou articulações enquanto contextos) também.

Nas *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* abordadas neste artigo, *Estação Sentinela* e *Bruma Segreda*, o marcador de moradia está intrinsecamente ligado às políticas públicas municipais, a saber: de assistência social e saúde, respectivamente. Na Estação Sentinela, a PORTARIA INTERSECRETARIAL Nº 01 DE SMADS/SMS, DE 31 DE OUTUBRO DE 2018 garantiu a presença de uma profissional de saúde no CAEI que conheci após o período de campo. Na *Bruma Segreda*, como no hospital geriátrico em que está inserida, há habitantes chamadas *pacientes de demanda social*; que não podem receber alta por impossibilidade de moradia envolvendo propriedade (seja própria ou seja de terceira pessoa/alugada/emprestada/ocupada). Em ambas, as experiências de envelhecimentos de habitantes estão articulados às redes de controle e cuidado estatais.

Em direções interseccionais de envelhecimentos e de velhices, portanto em todas as Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices, cabe mencionar que a moradia não atua sozinha; ela se amalgama a outros marcadores como raça, classe, gênero e idade (Lembremos que a etapa velhice não é homogênea e no seu âmbito também as faixas de idade e a geração são ferramentas de compreensão). No que concerne às *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* abordadas neste artigo e as que também abordei na pesquisa de doutorado, institucionais, é relevante indicar que enquanto a população idosa no Brasil é majoritariamente branca, a população em situação de rua e a população em situação de privação de liberdade são majoritariamente pretas e pardas¹⁹.

Doravante, ao tratarmos a moradia como um marcador social na discussão sobre envelhecimentos e velhices é necessário alargarmos a noção de moradia; alargar sua compreensão enfaticamente ao que concerne não privada. Apesar de não consideradas, por diferentes perspectivas, moradias, é em instituições e nas ruas que muitas pessoas vivem um período do curso da vida, inclusive a velhice, e envelhecem nas ruas, em centros de acolhida e em prisões.

São tais *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* que ampliam, por conseguinte, a compreensão da velhice, a partir de seus chãos. Se a velhice é construída socialmente, é necessário não apenas o desfazimento de velhice enquanto categoria biológica universal, mas o fazimento de sua situacionalidade; a velhice situada em contextos — político e relacional específico —, em que a *paisagem habitada* seja considerada. Isto porque esta não é também natural; moradia privada não é universal e não é, apesar de direito neste país, algo a ser naturalizado na velhice e no curso da vida, assim como em nenhuma discussão social nesse país, inclusive porque não é a moradia que deve significar legitimidade e dignidade de sujeitos em tais *paisagens*. Trata-se de outra direção; a de que a moradia faça

¹⁹ O Jornal Folha de São Paulo veiculou dados Dados do Censo Populacional de 2022 e informou que “na população mais velha, [...] brancos respondem pela maior proporção. Entre os residentes de 45 a 59 anos, 44,8% são brancos; 43,3% são pardos; 11,1% são pretos; 0,4% são indígenas e 0,5%, amarelos. No censo anterior, as proporções eram respectivamente 52%, 38,3%, 8,3%, 0,3% e 1,1%. Dos idosos de 60 a 74 anos, 50,3% afirmaram ser brancos; 38,6%, pardos; 10,2%, pretos; 0,3%, indígenas e 0,7%, amarelos. Já entre aqueles de 75 anos ou mais, 55,6% são brancos; 33,8%, pardos; 9,1%, pretos; 0,4%, indígenas; e 1,1% amarelos” (FSP, s.p. 22.12.2023). O diagnóstico da População em situação de Rua (2023) com base nos dados e informações disponíveis em registros administrativos e sistemas do Governo Federal informou que “as pessoas em situação de rua cadastradas no país são majoritariamente do sexo masculino (87%), adultas (55% têm entre 30 e 49 anos) e negras (68%, sendo 51% pardas e 17% pretas)” (BRASIL, 2023, s.p.). O Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023) apresenta o perfil da pessoa privada de liberdade a partir do índice 68,2% negros.

parte da dignidade e legitimidade de velhices e envelhecimentos ao mesmo tempo em que a consideração de legitimidade e dignidade relacionada ao envelhecer não seja definida por moradia.

A concepção de *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* também indica que na discussão pública acerca de velhices e envelhecimentos certas paisagens não aparecem e ou tem uma profunda diferença de visibilidade, ou seja, como nessas paisagens referências de e sobre velhice também são postas para apresentação com menor frequência e como na discussão pública acerca de violência e urbanidade, sendo que principalmente em paisagens estigmatizadas a velhice tem sido historicamente posta como “pouca”, com baixos índices e quantidades.

Essas processuais maneiras de perspectivar se relacionam e nos lembram que se o envelhecer ocorre em um lugar e tempo específicos, a perspectiva frente a envelheceres também procede na maneira de perspectivar velhices e envelhecimento, valorá-los, legitimá-los e viabilizá-los. *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices*, vinculadas à percepção por meio de sentidos, não só a visão, trata das maneiras interdependentes de subjetividade, emotividade e sensibilidade social. Consequentemente, seja na disputa de visibilidade seja na simultaneidade, *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* podem ser reparadas como oficiais, desejadas e indesejadas, assim como hegemônicas e contra hegemônicas.

Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices, ao entrelaçarem dimensões públicas e privadas, emaranham-se às governamentalidades, que em uma das propostas de Michel Foucault (2022) são compreendidas como maneiras que indivíduos são dirigidos e como estes se conduzem. É dessa forma que o conceito dialoga, além de diretamente e em esteira com a *socialização e reprivatização da velhice* (Debert, 1999), com a *pirâmide da boa velhice* (Henning, 2014) e também com o que Debert (1999, p.23) observou sobre a reinvenção da velhice em contexto brasileiro; “a visibilidade alcançada pela velhice, é, antes, um compromisso com um tipo de envelhecimento positivo”.

Se certas *paisagens de envelhecimentos e de velhices* são incômodas a determinados desejos de enquadramento para considerá-los legítimos (tanto de reconhecimento de existência e de importância – de tais envelhecimentos e velhices –, quanto de chãos, situações, condições e habitantes), em tais compreensões pode haver desinteresse e frustração de expectativas. Afinal, paisagens incômodas em tais concepções têm direcionamentos distintos tanto de histórias rasgadamente alegres e resistentes sem freios quanto de imagens congeladas em suas certezas.

Enquanto paisagem, o chão de envelhecer é criado a partir de sensibilidades por quem ocupa-habita-cria. Nas *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices Estação Sentinela e Bruma Segreda*, habitantes e funcionários compartilham tal paisagem e seu tempo; o cotidiano, na concepção de Das (2020, p. 23), “pleno de eventos em si mesmo”, e sua relação com os eventos. Almoçar antes das 12:00, um dos fios em comum entre tais *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices (PEV)*, é totalmente diferente. Em um refeitório com televisão na *Estação* e na cama ou na sala de televisão na *Bruma*. Nesta, a comida, ainda que do tempero também por vezes se comente, não é servida no prato de vidro, como na *Estação*, mas num marmitex. Se o *não chegar de faca* ali nos convida a pensar sobre noções de segurança na *Bruma*, é a chegada do garfo ou colher de plástico que nos levam à higienização hospitalar como caminho de todas as embalagens.

E o sem tempero no almoço? Quando aparece é por meio de uma voz, a mesma que come ou interrompe o mastigar. Sim, em ambas *as Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* não só há singularidade e subjetividade porque tais paisagens são habitadas por pessoas; em ambos a subjetividade opera.

Na próxima seção, trato de encontros metodológicos-etnográficos a partir dos dois campos; a *Estação Sentinela* e a *Bruma Segreda*, ou seja, de *duas Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices: um centro de acolhida especial para idosos (CAEI) e de um setor em um hospital geriátrico*.

Amálgamas – Encontros e itinerários

Carlos Rodrigues Brandão (2007) nomeou o trabalho de campo como uma *vivência*. Para o autor, esta “é um estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento, que diferentes categorias de pessoas fazem, realizam, por exemplo, antropólogo, educador e pessoas [...]” (Brandão, 2007, p. 12).

Conforme Brandão (idem)²⁰, a experiência da vivência tem

uma dimensão muito intensa de subjetividade. Ou seja, ainda que o antropólogo possa se armar de toda uma intenção de objetividade, de obtenção, de produção de dados e informações, os mais objetivos, os mais reais (não sei se com aspas ou sem aspas) possíveis, de qualquer maneira, muito mais do que em outros casos, todo trabalho de produção de conhecimento aí se passa através de uma relação subjetiva. A pessoa que fala, fala para uma outra pessoa. Uma relação entre pessoas que tem uma dimensão social, e uma dimensão afetiva se estabelece. Dados de troca, de sinais e símbolos entre as pessoas se estabelecem inevitavelmente e isso marca não só a realização do

²⁰ Como um dos seus experimentos da própria concepção - anterior cronologicamente a ela por sinal -, além de vinculação direta que as seções posteriores deste artigo, sugiro a leitura do livro, do mesmo autor, *Diário de Campo: a antropologia como alegoria* (Brandão, 1982).

trabalho, mas o material produzido por esse trabalho realizado (Brandão, 2007, p. 12, grifo meu).

Além de diferentes dimensões afetivas terem composto meus itinerários na *Estação Sentinela*, reconheço uma composição também a partir de tal *Paisagem de Envelhecimentos e de Velhices* em meus trajetos a partir daquele pretérito habitar ali.

Conforme previamente apresentado, foi durante o estudo vinculado aquela vivência primordialmente, a primeira pesquisa aqui abordada, que encontrei a instituição em que desenvolvo uma etnografia atualmente. As visitas à *Bruma Segreda* tiveram início em abril de 2025, após a autorização do estudo pelo comitê de ética da Irmandade da Santa Casa de São Paulo. Metodologicamente, a atividade etnográfica segue sem um roteiro de conversa prévio e tem se constituído a partir da rotina das interlocutoras. Diferentemente de relações nutridas na pesquisa de doutorado em que grande parte do tempo entre as interlocutoras, em sua maioria²¹, e eu, era dinamizado nos diferentes espaços da *Estação Sentinela*, ali permaneço com mais frequência em seus quartos, que também podem ser chamados de leitos. Os outros espaços já acessados na companhia de algumas das interlocutoras da *Bruma Segreda* foram a sala de terapia ocupacional, a capela, a gruta e o jardim.

Apesar de a rotina institucional na *Estação Sentinela* ter sido sentida pela etnografia, considero o tempo institucional da *Bruma Segreda* mais intenso, ou mesmo mais metódico. É na própria relação com o tempo e com as noções de interdependência que os dois campos etnográficos se singularizam; na *Estação Sentinela* habitantes tinham o contato com o tempo institucional a depender de suas saídas dos quartos e da *Estação*. Na *Bruma Segreda*, habitantes podem sair de seus quartos-leitos e da *Ala*, mas não do Hospital.

Na *Estação Sentinela*, as interações com funcionários eram diversificadas a partir do envolvimento de habitantes com as horas *da casa*, como se dizia. Na *Bruma Segreda*, as interações costumam acontecer entre diferentes pessoas a partir da mesma temporalidade institucional comum a todas; os horários dos plantões. O período da tarde e manhã acompanhados é que norteiam as possibilidades de atividades diárias de habitantes dali. A reflexão inicial entre os dois campos etnográficos e a discussão entre sentidos, alteridade e construções sociais têm tido algumas direções que exponho, em parte, abaixo.

²¹ Com exceção dos queridos Salgueiro e Junquillo.

As velhices vivenciadas pelas interlocutoras na *Bruma Segreda*, atualmente uma ala hospitalar com especificidades²², têm apontado as especificidades contextuais de noções de intimidade e de privacidade e como estas não são naturais e nem mesmo universais. O tato, nos dois campos etnográficos também têm vinculado eu e as interlocutoras a noções de intimidade. Se na *Estação Sentinela* interlocutoras e eu tínhamos o hábito de nos tatearmos pelas mãos, a *Bruma Segreda* tem indicado diferença densa em relação a esta possibilidade; distâncias, contato visual, pedir para tocar, abraçar e beijar a bochecha com quem já se relacionou desta forma comigo. Longe de um detalhe, etnograficamente o toque de terceiros nesses ambientes acontecem na maioria das vezes por necessidades – no banho e no trocar, por exemplo. Na *Bruma Segreda* tocar a mão, beijar e abraçar significa desafio, mas também uma forma de comunicar que nós – nem só elas e nem só eu – não somos intocáveis no que não é necessário ou ainda que não somos tocáveis apenas para o necessário.

As audições nas duas paisagens passam muito por televisão, mas na *Bruma Segreda* e em outros lugares no e do *Hospital Geriátrico* o rádio tem frisado destaque. No acompanhar a rotina com duas interlocutoras tem sido uma estratégia metodológica ouvir um programa de rádio e conversar sobre a história que ouvimos. Muitas vezes as conversas informam convenções em torno de casamentos heterossexuais, papéis de gênero, maternidade e o rádio é o facilitador, um mediador de nossa comunicação nesse sentido. É pertinente destacar que a rotina desta ala hospitalar, mas também asilar, e as interlocutoras lá habitantes, desafiam a comunicação apenas oral; trata-se de um tempo que é investido de silêncio e que mostra vida para além de palavras e companhia para além de conversa. Instigam, portanto, a pensar, como intentado na metodologia seguida na pesquisa, diferentes maneiras de trocar, de observar e de ser observada.

Em torno dos paladares, na *Estação Sentinela* era costume almoçar e tomar café da tarde, as duas refeições coletivas no refeitório. Uma individualidade no e do almoço podia acontecer em casos de atraso e pedido, por exemplo, mas nos anos ali não acompanhei nenhuma refeição em um quarto. Na *Bruma Segreda*, comer junto/coletivamente pode acontecer; no mesmo horário, uma parte de habitantes se alimenta na sala com televisão e outra faz a refeição individualmente em sua cama. A noção de não atrapalhar do almoço, sair e voltar depois do horário em que alguma interlocutora se alimentava, diminuiu desde

²² A *Bruma Segreda* é considerada uma ILPI por mais de uma/a profissional do Hospital. Isto por uma combinação de fatores: conforme já exposto, entre as habitantes há pessoas que chegaram ainda na fase asilar, anterior ao molde hospitalar; as regras da ala são diferentes das demais e, por fim, as não altas são decorrentes de demanda social.

o início de campo diante de algumas interlocutoras não terem em suas rotinas essa temporalidade. Essa é também mais uma elucidação do encontro entre ordinário levado a sério na etnografia.

Na próxima seção do texto, apresento um encontro de enredos, na contramão da afirmação de um principal, que se vincula com formas, primordialmente de ouvir e narrar, entre outros sentidos, (n)a *Bruma Segreda*.

Porteira, Portão e Janela



Janelas da Bruma Segreda. Foto: Natalia Negretti (2025).

Quando
Adentrar em janela
Não deixa recuar
Não
Não olharás mais
Moldura
Vidro
Rede
Como antes
Sim
Sim olharás
Ali

*Diferentes
Como tu*

[30.04.2025]

É no encontro de maneiras e materiais de comunicação, escrita, audição, afetos e contextos etnográficos que me debruço numa chegada etnográfica – em forma e conteúdo – como a epígrafe desta seção do artigo, em que trato de diários íntimos (WEBER, 2009), como há considerável tempo não faço (Negretti, 2022). Desde aqui, exponho reflexões em curso em torno de assuntos e de formas de expressão com os quais também convivo não somente em períodos de campo, mas também a partir deles.

Ainda que não houvesse e que não haja uma separação de caderno noturno e de cadernos diários, o preto e os coloridos, como bem não separou mais Nastassja Martin (2021), não havia antes desta ocasião refletido sobre três diferentes experimentações etnográficas no sentido de serem ações enquanto estive/estou em campo. De forma mais nítida, é recente para mim pensar sobre experimentações de maneira etnográfica; embora eu não escondesse duas delas, eu não refletia a partir delas. Elas me ajudaram, e muito, e este singelo exercício talvez seja também uma forma de as incorporar à discussão.

Abro o diário junto da epígrafe em sequência não de sua escrita. Começo pelo delineado. A forma de escrita nos diários de campo ou ainda como escrevemos fora do diário; se com ou em torno do campo, torna-se outro um diário. Diários podem ter distintas bases e quando cadernos e diários não chegam aos *outros* também não adquire relevância em debates. Aciono, porém, a audição, visão, fala e escrita em poesia pelo eco que expressar de forma diversa constitui, acredito que em muitos fatos etnográficos, (1972) na concepção de Evans- Pritchard (1972, p. 85), para quem “dados registrados nos nossos cadernos de campo não são fatos sociais, mas sim fatos etnográficos visto que na observação houve seleção e interpretação”. Notemos, dessa forma, que para Pritchard os próprios cadernos já são meio, suporte e material de fatos etnográficos; desde sua formulação portanto aos conteúdos interpretados.

Pois então como ouvir, ver, responder e interpretar determinadas cenas? Afetos? Entre o medo da poesia na área científica, que atravessa também trabalhos antropológicos, um susto — e afetos com ele — não chegou como uma companhia isolada. Foi um evento que se encontraria não apenas com um outro ou com uma ideia fixa, mas com eventos encadeados, com pessoas, com anotações e lembranças de campo; com transformações, desse modo, que convívios e partilhas riscam e arriscam na gente. Nas dádivas abertas de encontros, na *Bruma Segreda*, me deparei com expressões poéticas.

Como porteira e portão (Negretti, 2019; 2023), a janela e as expressões poéticas estão vinculadas a afetos na interlocução com pessoas mais velhas em campos etnográficos. Sentimentos e emoções relacionados a visitar habitantes interlocutores e as instituições que habitam conformam processos que se nutrem e que se alteram também durante o meu curso da vida e meu processo de envelhecimento. Formam também vínculo e vinco com outras *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* pelas quais passei e passo.

Paisagens essas, entretanto, em que, ao estudadas muitas vezes, envelhecimentos e velhices ali são desconsiderados de distintas maneiras, que apresento a seguir: velhices consideradas quantias pequenas em relação à população geral, etarismo voltado a pessoas mais velhas — discursos rígidos e dicotômicos, desde os que frisam gerontocracia aos que imprimem infantilização —, preconceitos e estigmas voltados a envelhecimentos e a velhices.

As *paisagens de envelhecimentos e de velhices* que refiro são especificamente centros de acolhida para idosos (CAEI) [1], rua [2]²³ e prisões [3]. É preciso destacar que diferentemente das outras *paisagens de envelhecimentos e de velhices* referidas, tal qual a *Bruma Segreda, ala de um Hospital Geriátrico*, não se trata de uma paisagem que atravessa, tal como as outras, as “não-tão-boas-velhices” na pirâmide proposta por Henning (2014) e que, conforme as hierarquias de paisagens de envelhecimentos e de velhices, ocupa uma posição acima das três paisagens citadas anteriormente. Ao mesmo tempo, esta PEV, a *Bruma Segreda*, é habitada também por mulheres em situação de rua.

As *paisagens de envelhecimentos e de velhices* 1, 2 e 3 assim como as populações negra e trans e travesti no Brasil nos indicam, sem espaço para incerteza, outras formas de significações de velhices, envelhecimento, nos convidando para reflexões mais difusas e profundas acerca de outro conceito e direito: a longevidade. As PEV compostas também por seus habitantes se encontram com populações, ainda que uma população seja composta sempre por diversidade a contar dos marcadores sociais da diferença em articulação; no caso, as paisagens 1, 2 e 3 estão vinculadas à população em situação de rua (CAEI e rua stricto sensu) e carcerária (prisões). Do mesmo modo, é majoritária a presença de pessoas pretas e pardas em ambas as populações. Ademais a expectativa de vida menor da população negra e trans e travesti, que também compõe populações carcerária e em situação de rua, além de trânsitos entre estas duas PEV, a partir de processos históricos de violência no país, é um componente importante que frisa também desigualdades no envelhecer e no longeviver.

A população em situação de rua e a população carcerária, que habitam logradouros públicos, centros de acolhida e prisões, respectivamente, evidencia multilocalidades e populações cuja visibilidades são atravessadas, ainda que não exclusivamente, por estigmas e preconceitos. E aqui se faz relevo uma posição política e etnográfica que convívios requerem. Ademais, ainda que eu tenha trabalhado e trabalhe com interseccionalidades e marcadores de acordo com suas existências etnográficas, com ênfase, do posicionamento das pessoas interlocutoras (se elas acionam os marcadores ou não), estas paisagens são também constituídas por processos produtores de racialidade, cisnormatividade,

²³ CAEI e Rua estão separados de forma que a primeira instituição, existente e produzido pela política de assistência social da cidade de São Paulo, é marcada pela situação de rua em instituição enquanto RUA em stricto sensu designa termos de habitar, de forma que inclua despertar e adormecer vias públicas. Vale dizer também que há pessoas em situação de rua-rua que utilizam serviços voltados à população em situação de rua, mas não os de moradia, como o CAEI e ou outros Centros de Acolhida.

heterossexualidade e desigualdade; a construção de paisagens é mútua, minimamente entre seus habitantes e espaço habitado.

Nesse sentido, é pertinente expressar aqui que a discussão sobre a desigualdade, com ênfase da racial e da de gênero e sexualidade, no processo de envelhecimento, da etapa velhice e do acesso/possibilidades de longevidade tem extrema importância. A desigualdade racial amalgamada ao envelhecimento e a velhices no país atualmente passa também por um simultâneo processo ao ser denunciada; a socialização da desigualdade racial e curso da vida, de extrema importância, traz um duplo fenômeno; investigação e pauta de luta, em termos sociais, também racializados. Tal desigualdade poderia ser pauta de luta e investigada por diferentes agendas, mas ao mesmo tempo do protagonismo de movimentos negros existe uma não adesão social, ainda que não estática, deste tema em grande parte das discussões acerca de envelhecimentos e de velhices até bem recentemente.

Articulados a interseccionalidades, envelhecimentos e velhices são vivenciados em paisagens, cidades, por pessoas e grupos, além de atravessados por políticas diversas e há um friso dessa compreensão teórica quando pensamos na necessidade de vinculá-las a determinados lugares e a marcadores sociais. A relação entre juventude e velhice articulada à raça primordialmente carrega essa perversidade do racismo e da desigualdade. Ao mesmo tempo, evidencia uma potência de luta social, critica ideias de um envelhecimento e de velhices neutros e escancara a necessidade de consideração de contextos e possibilidades de envelhecimento e de longevidade; de diferentes *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices*.

Em continuidade com esta abordagem e novamente voltada às *PEV* mencionadas, diante de preconceitos e estigmas que se encontram, a janela da *Bruma Segreda* também pode elucidar os desafios de visão e revisão de grupos articulados; pessoas idosas em situação de rua, pessoas idosas em privação de liberdade, ou seja, além de não serem somente pessoas idosas nem somente pessoas em privação de liberdade e pessoas em situação de rua, essas duas dimensões são articuladas também a gênero, raça, idade/geração, deficiência, renda.

Como escrever de forma a não reiterar certos estigmas? No caso, especificamente aos relacionados à violência, às interlocuções e aos campos etnográficos? Como não usar um binóculo que olha só para a violência e não a naturalizar e nem a desconsiderar?

O receio poético não ter se tornado ordinário etnograficamente tem menos a ver com um também efeito rebote do impuro (DOUGLAS, 1998) do que com as poéticas e formas de comunicação com as quais passei a conviver, desde em caminhadas anteriores, de forma mais densa neste ano de 2025.

Nas portas e porteiras atravessadas durante os períodos de estudo e partilha, enfaticamente a partir do doutorado, nas variadas, mas vinculadas, impurezas me envolvi com poesias conforme as encontrava —com pessoas, com aflições e diferentes afetos— e através delas com poemas etnográficos. E procurar aqui não é o mesmo que imaginar; é se deparar e reparar. Nas *Paisagens de Envelhecimentos e Velhices* que visito e que me habitam há poesias criadas, inventadas e buscadas, ou seja, construídas por pessoas interlocutoras e por mim.

Nesse processo reside ainda um deslocamento, um trânsito preciso: *procurar a poesia em sítios onde nós não a pomos*, nos termos de Mauss (1993), a mim segue em nos encontros etnográficos tentar mostrar poesias que existem em paisagens que, por vezes, são imaginadas socialmente como aquelas em que há totalidades, desde uma ideia de tudo que já nos conta que (não) diz sobre nada à ideia de só há isto ou aquilo. Violência e fragilidade conjugadas no singular talvez sejam boas palavras para demonstrar estereótipos e estigmas de determinadas paisagens de envelhecimentos e de velhices e, a partir de uma hierarquização de *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices*, conforme já apresentada, a uma arena de visibilidade de velhices calcada pelo viés positivo e por uma reprodução da ideia e ideal de família consanguínea. Já quando tais palavras são compreendidas no plural a elas ressaltam a importância das impurezas que transitam nas e a partir das *paisagens de envelhecimentos e de velhices* CAEI, Centros de Acolhida, Rua, Prisões e a *Bruma Segreda*, bem como hospital geriátrico.

A violência, por exemplo, abordada em grande medida por estudos urbanos, com os quais também me vínculo, é simultaneamente tratada em suas distintas maneiras como também conjugada no sentido estritamente físico. A fragilidade, por sinal, é associada a velhices também de forma não plural nas diferentes e hierarquizadas formas de conceber e ou ignorar as diferentes *paisagens de envelhecimentos e de velhices*.

Instigada por Veena Das (2020), a atenção a múltiplos eventos da *Bruma Segreda* e ao ordinário que pode se repetir e se renovar, como em cada almoço diferente ainda que na mesma hora e ingerido pela mesma pessoa, e o acompanhar momentos das interlocutoras tem significado me aproximar de seus habitares o mundo.

A seguir apresento um encontro com conteúdo e formas poéticas etnograficamente.

Direções-Sentidas: poesia e poema etnográficos

Os sentidos são uma matéria produtora de sentido
(LE BRETON, 2016, p. 12).

Quem me apresentou foi Duna, quem depois lembrou foi Amícia
(diário de campo, agosto de 2025).

Lume, Vaga

Apagar

Acender

Interruptor

Não

Janela

O que

às vezes

*se chama
e que também se chama de fechar
Ali com
Ela
Não
Janela fechada
É sim luz elétrica apagada.*

02.09.2025.

Em Antropologia dos Sentidos, David Le Breton (2016) frisa a associação entre ocidente e priorização dos sentidos audição e visão. Tal qual ocidental enquanto ciência, tais sentidos na antropologia são estimulados e ensinados por diferentes gerações.

Conheci Duna, que habita há mais de duas décadas o Hospital Geriátrico Dom Pedro II, em 2024, durante o período de pré-campo. A circulação de habitantes entre corredores que ligam alas, rampas, gruta, igreja, setor de assistência social, jardim, antiga escola e uma porção de *lugares desta instituição*, e nela, varia conforme marcadores cognitivos e outros vinculados à interdependência física no hospital. Ter ou não uma boa relação com alguma ou algum funcionário é um marcador, neste contexto, de diferença para frequência e realização de atividades, como ser levada(o) com a cadeira em caso de não utilizar as mãos para girar a roda e ou ainda cansaço de girar muito o círculo da cadeira.

Duna é uma habitante²⁴ que não gira com sua mão atualmente a roda de sua cadeira. Isso não significa que ela não gire de outras formas, como agenciar relações e rotinas que incluem sua locomoção. Ela não comentou sobre não quererem levá-la, o que significa, entre outras questões, que ela não tem tido desavenças com trabalhadores ou que tais conflitos não tenham desembocado numa mudança de relação entre trabalho e direito existente entre profissionais de saúde e Duna.

Como a relação com outras interlocutoras, mas não todas (no momento somos em seis no estudo, eu e cinco habitantes), minha comunicação oral com Duna é acompanhada de pedidos de minha parte como “o que?”, “fala de novo?”. Importante mencionar que ela fala baixinho, que há repetições de temas em nossos encontros e que, sim, por vezes, eu não consigo compreender na íntegra o que Duna fala em voz. Nesse sentido, cabe frisar que, simultaneamente, Duna compreende o que falo; nunca me falou “o que”, como eu a ela. Ela é ótima ouvinte em nossa relação. Eu quem tenho dificuldade em me comunicar

²⁴ Tenho pensado na centralidade do habitar também o e no hospital. Os termos pacientes e moradores muitas vezes são os utilizados por demais habitantes e funcionária/e/os.

tal qual ela se comunica. Além disso, apesar de nossos papos em dias diferentes com temas comuns Duna em uma ocasião que me viu, ao invés de me dizer oi, como quase sempre até aquele dia, falou “sumiu hein”.

Essa frase me traz um pouco de receio, como se eu não estivesse cumprindo uma relação que também se faz por meio de hábito e de costume. Isso porque embora a frequência entre março e dezembro de 2025 tenha sido contemplada praticamente por toda semana ao Hospital, nem sempre foi possível, em tal período, passar na *Bruma Segreda*, conforme as outras atividades de campo. Esse acordo de frequência e de convívio existe para Duna, para mim e para nós e, como expectativa, se não cumprido, pode trazer sentimentos e sensações não agradáveis. Entretanto, a colocação oferece a mim também uma satisfação. Quando Duna me falou isso, recordei na hora de quando anos atrás Amarílis, ex-habitante da *Estação Sentinela*, me disse “tá sumida”.

Se junto dessa noção de sumiço, faz parte, desde o início do campo, também enviar recado quando não passo na *Bruma Segreda*, por exemplo, ela está vinculada ao em comum no convívio e nas metodologias dos dois estudos vinculares; acompanhar rotinas sem um roteiro de entrevistas.

Estar com Duna, como estive com Amarílis, e como estou e estive com demais interlocutoras e habitantes nas instituições, tem significado estabelecer nesses dois campos uma relação de confiança que passa por *visitar e acompanhar rotinas, de forma a não atrapalhar*. Uma separação da conversa, com gravação de áudio, por exemplo, em relação aos afazeres, fosse por necessidade fossem por vontade, não aconteceu com todas as pessoas interlocutoras.

Na *Bruma Segreda* essa forma de encontro se apresentou de forma densa. Com Duna tive poucas conversas como um intervalo do tempo em sua rotina. Passado um bom tempo de nossos encontros, eu vi pela primeira vez seu prontuário. Uma das profissionais que mais escreveu em sua ficha foi uma fonoaudióloga. Quando chegou ao Hospital, Duna não se comunicava oralmente, conforme consequência de um processo de adoecimento pelo qual passava no período. No relatório era possível ler um convívio entre Duna e a *fono* e as anotações chamaram-me atenção por se diferenciarem em detalhes, em quantidade de texto e pela linguagem das demais especialidades da equipe multidisciplinar.

Um tempo depois Arthur, ex-funcionário e interlocutor do estudo, ao me ver com Duna falou que ela trocava acender com fechar ao referir a veneziana e o botão próximo à saída e entrada de seu quarto, que tem a porta aberta. Esta é a história de *Lume, Vaga*, o poema abaixo da epígrafe desta parte do artigo e um dos poemas por e-mail diretamente, que compõe também as bases que uso para minhas anotações de campo.

A narração do contexto do poema que apresentei é caracterizada por Adrie Suzanne Kusserow (2020) como um exercício importante que explora, elucida e complexifica encontros etnográficos. A autora nos conta que

A poesia etnográfica faz parte de um movimento crescente de abordagens experimentais à etnografia e à investigação antropológica que ganharam força desde a década de 1990. À medida que a antropologia se tornou cada vez mais aberta a diversas formas literárias, a poesia etnográfica tornou-se uma forma de representação mais aceita (Kusserow, 2020, p. 430, tradução livre).

Kent Maynard e Melisa Cahnmann-Taylor (2010) enfatizaram, dez anos antes, a necessidade de não desistência da prosa etnográfica, conforme seu potencial. Entretanto, frisaram que a antropologia pode aprender com a poesia “tanto para expandir as múltiplas maneiras pelas quais representamos aqueles com quem trabalhamos quanto para nos ajudar a ser mais atentos a como o afeto, assim como a forma, podem transmitir significado” (Maynard; Cahnmann-Taylor, 2010, p. 5, tradução livre).

Neste primeiro exercício de expressão etnográfica com este formato, poema, cabe-me sustentar que essa experimentação é uma das formas de expressões etnográficas possíveis por motivos relacionais, conforme o trajeto temático deste artigo: 1. vínculo com enredos e contextos etnográficos, a saber, as palavras e compreensão, entre outras, na vida de Duna cuja minha encontra; a vida expressa no prontuário de Duna; a vida da relação com esta interlocutora e da com o Hospital Geriátrico, respectivamente; 2. Ritmo de fala, a cadência de Duna e de três também interlocutoras — *a pronúncia em que meu ouvido é ruim*; 3. Relação com *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* atravessadas por estigmas que podem se amalgamar a diferentes formas de expressão de preconceitos interligados, conforme referido anteriormente.

Por fim, é imprescindível reiterar que a vinculação com a rotina e com seu acompanhamento, condição apresentada pelas interlocutoras ainda que não oralmente mas a contar de interesses e desinteresses em conversarmos, de seus dias conforme suas programações e as da instituição e da ordinariedade a qual sou convidada a fazer parte ao mesmo tempo que a altero, é que propiciou também participar de acontecimento poético-etnográfico: as falas pausadas que Duna às vezes faz, de acordo com minha dificuldade de escuta e compreensão; o vocabulário que apresentou a mim e a demais pessoas que conviveram, de diferentes maneiras; com Duna e com o tempo de Duna e as formas de escrita num prontuário. Esse conjunto compõe ritmos silábicos de uma toada a mim desconhecida enquanto dela me aproximo.

Amícia, como comentei na epígrafe desta seção do texto me lembrou uma poesia e um poema, de e com respectivamente, de Duna. Numa das nossas conversas sobre o

presente e suas vontades, contou-me que sabia fazer dupla de algumas letras, mas não sabia juntar dupla por dupla. Sua grande vontade de ler tem sido um tema que conversamos, como foi sua saída da ala com cadeira de rodas depois de semanas de conversa sobre aquela girada de chave, junto da roda. Entre Duna, Amícia e eu eis assuntos, mas também maneiras de expressarmos, grafarmos e recebermos.

Grafar registros em poemas se vincula à fotografia e à jardinagem em trabalhos anteriores, como, enfaticamente, na pesquisa de doutorado. Desta vez, porém, não concebo os conteúdos dos poemas como concebia os que me fizeram procurar plantar vida e viver com partilhas em torno deste semear. Esses três fazeres, plantar, fotografar e escrever de outra forma têm como fio afetos (e suas dimensões simultâneas) mais precisos ainda; que não separam objetivo de subjetivo durante o processo de campo.

A poesia aqui, portanto, está para a fotografia e jardinagem desde durante o período de campo da pesquisa de doutorado (ambas continuaram em meu trajeto). Percebo a diferença entre as experimentações justamente no sentido de já conceber nos registros de campo essa experimentação, que se apresenta, de tal forma, etnográfica, política, estética e em *tornamento* a contar de pesquisa bibliográfica e teórica.

Se na escrita essas questões foram presença, elas já o eram em emoções com diferentes formas de expressões que estiveram em meu corpo durante a etnografia na e a partir da *Estação Sentinela*; trouxeram frisson ou levanta pelo no braço, angústia, raiva, tensão, indignação, estagnação e choro. Houve comigo também vontade de chorar que foi controlável e, entre outros, três sentimentos; culpa, insegurança e medo. Sentimentos e sensações estas que podiam estar em meu corpo depois de um dia de campo, depois de um encontro, assim como na instituição e durante os encontros.

Metodológica, política e teoricamente experimentar linguagens trazidas por interlocutoras e que se afastam ou provocam vinculações rápidas e associações ideológicas entre violência, instituição e pessoas com situações e condições consideradas “difíceis” a partir da ideia essencialista de *ambientes violentos* e *violência das pessoas* é também exercitar não reiterações; é um compromisso político-poético.

O encontro entre eventos e episódios, vividos na e a partir da etnografia envolvem poesia e poética, mas também interagir com narrar, ouvir, contar, escrever e ler uma composição mútua (entre subjetivo e objetivo), que pode ser referenciada como subjetivação. A própria noção de escrita objetiva é um exemplo *tradicional* de uma busca problematizada pela antropologia e por estudos de gênero. Na objetividade, não apenas poema e poesia nessa narrativa se apresentaram como planta daninha, mas também

subjetivação e intersubjetividade se apresentam como não quistas. O que não é ciência, que, afinal, *não é poesia!*?

Por imponderáveis e reparados de vidas, *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* pelas quais passo, pessoas, afetos, trajetos e poesia se amalgamaram ao que Michelle Rosaldo (2019) definira como *pensamentos incorporados* de forma mais densa desde o campo etnográfico atual. Vincularam-se também a uma postura muito mais pensante que pensadora, nos termos de Gaston Bachelard (1994), bem como em uma forma de expressão em meus registros de campo e a partir dele.

Adiante, exponho a continuidade desta discussão.

Entre Ramos do Tempo: Envelhecimentos, Antropologia e Poesia

Pensamentos incorporados (Rosaldo, 2019) habitam mais que nossas anotações de campo; nos habitam desde questionamentos e perguntas prévias de algo prestes a conhecermos e desde um campo etnográfico. De tal maneira, compõem fatos etnográficos. A abordagem do "ordinário" e do "corriqueiro" como reveladores da *Paisagem de Envelhecimentos e de Velhices* com a qual me enredo atualmente dialoga com as contribuições de Euler Sandeville Jr., que vê na experiência comum a chave para uma partilha coletiva e de uma herança de gerações (Sandeville Jr. 2004). Considerar a rotina das interlocutoras é possível metodologicamente a partir do pressuposto do mesmo autor; o de que a paisagem é informada a contar das pessoas que têm nela uma experiência duplamente comum; corriqueira e coletiva.

Se, conforme o mesmo autor, pessoas nos ensinam a ver, entender e perceber paisagens, considerar também o modo pela qual interlocutores compartilham conosco uma paisagem importa em duplo sentido; a começar pela dinâmica entre estrutura e agência, mas além, por indicar produção de cotidiano. Aceitar tentar empreender o convite de Das (2020) acerca da vida cotidiana tornada como evento preteritamente na *Estação Sentinela* trouxe encontro com o, ainda que eu não conhecesse²⁵, *paradoxo da subjetivação*, proposto por Saba Mahmood (2004, p. 17-18, tradução livre), que argumenta que “o conjunto de capacidades inerentes a um sujeito, suas habilidades que definem os seus modos de ação não são o resíduo de um eu não dominado que existia antes das operações do poder”, mas diferente: “são elas próprias o produto dessas operações”. A compreensão

²⁵ Tratei na tese a superestima da agência em contextos de precariedade mais em termos descritivos. O encontro com a já difundida teoria de Saba Mahmood (2004) acerca de agência é também um convite para reconsiderar a interpretação singela realizada anteriormente.

do poder de Mahmood (2004, p. 17-18) acerca da formação do sujeito impulsiona uma direção rumo à concepção de agência “não simplesmente como sinônimo de resistência às relações de dominação, mas como uma capacidade de ação que relações específicas e subordinação criam e possibilitam”.

No rastro deixado por Isabelle Stengers (2017) da simultaneidade entre Ciência e ciências, a primeira, considerada no singular e com “C” maiúsculo²⁶, é descrita pela autora como conquista generalizada propensa a traduzir tudo o que existe em conhecimento racional, objetivo (Stengers, 2017, p. 4). Já as realizações científicas “exigem pensar em termos de uma ‘aventura das ciências’ (no plural e com ‘c’ minúsculo)” (Stengers, 2017, p. 4)²⁷.

Na esteira do conhecimento e política, a formulação de Mahmood (2019, p. 147) sobre uma importante ilusão pode nos convidar não só ao ordinário e subjetividade de nossas interlocutoras, mas também aos encontros com elas e, sim, também, conosco no plano intersubjetivo. A contribuição da autora em relação às problematizações de *autonomia* e *liberdade*, temas caros e primordiais nos campos de estudos de cuidado e envelhecimento, entre outros, é densamente enfática justamente nas PEV que acompanho. A pergunta da autora é de extrema importância numa angular mirada para tais *paisagens*: “como podemos analisar operações de poder que constroem corpos, conhecimentos e subjetividades diferentes, cujas trajetórias não seguem necessariamente a entelúquia das políticas liberatórias? (Mahmood, 2019, p. 147).

Se a escolha teórica foi e tem sido seguir o também convite de Veena Das (2020) acerca do ordinário, a escrita também tem se apresentado como um campo de escolhas, conforme apresentei ao longo do texto. Em simultaneidade eis uma outra direção que compõe caminho. Vinculada com ciências, a união entre a poesia e a etnografia humaniza envelhecimentos e velhices em contextos de desprestígio social, que podem reunir vulnerabilidade, precariedade e conflitos morais, pois desloca o olhar unidirecional de categorias estigmatizadas para a subjetividade e singularidade das trajetórias vividas. Essa convergência possibilita uma estética política por meio do poema etnográfico, ferramenta

²⁶ A autora continua: “Em nome da Ciência, um julgamento foi atribuído à vida de outros povos, e esse julgamento também prejudicou gravemente nossas relações com nós mesmos – sejamos nós filósofos, teólogos ou senhoras idosas com seus gatos” (Stengers, 2017, p. 4).

²⁷ “É certamente difícil distinguir entre essa aventura e a Ciência como uma conquista generalizada se considerarmos o que é feito em nome da ciência hoje. No entanto, é importante estabelecer essa distinção, pois ela dá vazão a uma nova perspectiva: aquilo a que se chama Ciência, ou a ideia de uma racionalidade científica hegemônica, pode ser entendido em si mesmo como produto de um processo de colonização” (Stengers, 2017, p. 4).

que permite captar dimensões da experiência humana que a prosa científica tradicional, escrita por ciências e, enfaticamente, por Ciência, muitas vezes negligencia.

Enquanto no poema *Porteira, Portão e Janela* há movimento de adentrar o campo e a mudança de minha perspectiva, *Lume, Vaga* veio com meu encontro com a interlocutora Duna e o aprendizado de que eu deveria "ajustar meu ouvido"; que talvez a comunicação fosse a direção a ser adotada e não uma noção de que a interlocutora tem um "vocabulário próprio" essencialmente.

A seguir contextualizo esse enredo numa discussão sobre subjetividade e intersubjetividade em *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices*.

Subjetividade e Intersubjetividade nas duas Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices

Subjetividade(s) é e são muitas vezes reconhecida(s) também nas e a partir das *paisagens* em que estão inseridas. Menos visibilidade e mais visibilidade de subjetividades por meio de estereótipos convivem. Há vários caminhos que generalizam, como já vimos ao longo do texto, sujeitos habitantes de *paisagens de envelhecimentos e de velhices*. Nesse movimento pode ocorrer, e ocorre, tanto singularização quanto generalização de habitantes de PEV que não são estigmatizadas; quando desejáveis, toleradas ou quistas. Quando não quistas, pode haver a banalização destas paisagens e a uniformização de sujeitos que as habitam, ou seja, em *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* não prestigiosas em termos morais e liberais, a des-singularização dos habitantes e a banalização de seus contextos enquanto intersecção é um processo mútuo, também cotidiano.

A intersubjetividade, coexistência e compartilhamento de diferentes perspectivas entre mais de um sujeito, como, na perspectiva de Judith Butler (2021, p. 195), "carne, é primeiramente um ser intersubjetivo, encontrando a si como Outro, encontrando sua sociabilidade primeira em um conjunto de relações que nunca são completamente recuperáveis ou rastreáveis" também acontece em um contexto e com ele se relaciona. Nos termos de Butler, os encontros são intersubjetivos porque somos intersubjetiva/e/os. Nesse sentido, vale frisar a intersubjetividade etnográfica; poderíamos dizer ainda que nas duas *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* apresentadas existem encontros entre a subjetividade entre uma *pessoa idosa de carne e osso* (Concone, 2007) e uma pesquisadora de carne e osso.

Abaixo, continuo essa discussão através de uma breve exposição da poesia enquanto aliada multimodal; enquanto parceira de experimentação e em humanizar envelhecimentos e velhices.

Poesia e Envelhecimento etnográficos

A velhice enquanto construção e o envelhecimento enquanto processos sociais, ou seja, nenhum de tais fenômenos enquanto essencial e exclusivamente biológicos – ainda mais por si, ainda mais sinônimos de declínio etc. – existe em e para pessoas de carne e osso e, com elas, significados e experiências e subjetividades.

A construção da noção *Paisagens de Velhices* já estava em sua escrita emaranhada à minha subjetividade enquanto pesquisadora não de forma isolada e menos ainda separada das de interlocutoras e interlocutores. Fora através de partilhas que elas e eles fizeram comigo que a etnografia propôs o conceito como não apenas um lugar físico, mas uma construção.

A continuidade de tal noção articulada a um exercício de perspectiva teórico-política, *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices*, portanto, trata de uma construção sociocultural e relacional que envolve ideias, sensações e sentimentos acerca de envelhecimentos e de velhices articulados a chãos e contextos. Etnografar envelhecimentos e velhices em uma PEV, como a *Estação Sentinela* e a *Bruma Segreda*, não permite um roteiro e uma especificidade de forma isolada. É por isso que habito enquanto visitante as mesmas paisagens.

A humanização de envelhecimentos, de velhices e de *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices consideradas não prestigiosas* passa pelo reconhecimento de subjetividades e singularidades na própria percepção de corpo – o que nos chama aos sentidos - etnograficamente também.

Retomando o tato, este tem constituído na *Bruma Segreda* uma interlocução etnográfica e indicado que em contextos institucionais, onde o toque é acompanhado da noção técnica (banho, trocas), mão e mão e boca e bochecha configuram formas de lembrar pessoas e relações não intocáveis. Já a escuta atenta de programas de rádio e o silêncio compartilhado permitem que a comunicação vá além da fala oral, valorizando a temporalidade e a companhia para além do falar e ouvir. Temos, assim, rádio e tato também enquanto recursos de quebra de intocabilidade.

A poesia e a etnografia podem seguir unidas no sentido de humanização de múltiplas formas de envelhecer a contar de outra; da humanização de determinadas PEV. A dificuldade de comunicação oral com interlocutores que possuem ritmos de fala distintos ou que estejam passando por processos de adoecimento são novos a mim e percebo como esse contato pode ressoar em novos compromissos, como então o poético-ético-político de buscar uma escrita tal qual busquei a compreensão. De um ângulo que

não desconsidera chãos de envelhecimentos e de velhices, como faz a perspectiva teórica-política *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices*, o rumo a uma escrita que não desconsidere, a produção de vida e que não reitere uma violência praticada em focar unicamente, seja a violência e a fragilidade seja o que não passar por uma partilha de uma *pessoa idosa de carne e osso*, conforme Concone (2007), contempla, com outros apresentados no artigo, uma intenção política, um compromisso.

Considerações em Trânsito: multimodalidade e compromisso político-poético

Neste artigo apresentei a perspectiva teórica-política *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices* (PEV) e uma discussão a partir de duas; a *Estação Sentinela*, um centro de acolhida para idosos (CAEI) e *Bruma Segreda*, uma ala de um hospital geriátrico. Amalgamada à referida posição, demonstrei também a importância de moradia, e de seu alargamento conceitual, enquanto marcador diferencial em envelhecimentos e em velhices. No exercício de abordar investimentos teóricos e metodológicos, apresentei referências teóricas primordiais aos estudos que envolvem as referidas e itinerários motrizes também a partir de encontros entre interlocuções e poéticas.

Mostrei reflexões em torno de escrita, escuta, expressão e comunicação a partir da articulação com habitantes mais velhas e interlocutoras de estudos etnográficos de duas instituições, cujas histórias e trajetórias são vinculadas e atravessadas por políticas longevas vinculadas à população em situação de rua no país. Mantive foco na especificidade de contextos em que se envelhece, a começar da concepção de *Paisagens de Envelhecimentos e de Velhices*, em diálogo direto com produções teóricas que são referência nesses trajetórias.

A partir de direções, sentidos, convívios, apreços e receios envolvidos com pessoas que conheci, contei sobre nossas relações e produções de conhecimento, bem como sobre as experimentações intersubjetivas durante períodos de campo. Por fim, expus uma experimentação etnográfica articulada com diálogos teóricos e metodológicos.

Sem filiar-me a uma linguagem ou outra (prosa ou poema etnográfico) e menos ainda à ideia de uma necessidade de escolha, procurei demonstrar que formas de expressões etnográficas podem ser multimodais e que a experimentação poética no processo etnográfico pelo qual passo nesse período se vincula ao campo e interlocuções específicos. Com o convívio e com memórias em torno de narrativas, poder e problematização no que concerne a relações entre objeto, objetivo e subjetivo no campo das ciências sociais, enlancei essa discussão à antropologia a partir de campos etnográficos

que se encontram numa série de hierarquizações que vinculam pessoas mais velhas, lugares por elas habitados e visibilidades e invisibilidades em tais habitares da vida.

Por fim, vale frisar que o texto não supõe uma única passagem — nem únicos ir e vir na prática antropológica — pelo portão, porteira e janela etnográficos referenciados, seja a partir de outras formas de passagem, contextuais e não universais, além de transformáveis em reflexão, como itinerários, também os poéticos, produzem. Encontros requerem também feitura de passar por eles, junto de impurezas, compositoras de vida(s) em cursos da vida e envelheceres que neles encontram. Vidas e Portas conjugadas no plural entregam possibilidade de compreensão acerca de formas coproduzidas de encontros e ecoam possibilidades, escolhas e contextos, como são consideradas no poema musicado de Marisa Monte, Dadi e Arnaldo Antunes:

*Nesse corredor
Portas ao redor
Querem escolher
Olha só, uma porta só*

*Uma porta certa
Uma porta só
Tentam decidir
A melhor
Qual é a melhor?*

*Não importa qual
Não é tudo igual
Mas todas dão em algum lugar
E não tem que ser uma única*

*Todas servem pra sair ou para entrar
É melhor abrir para ventilar
Esse corredor*

Referências

- Bachelard, Gaston. *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- Brandão, Carlos R. *Ontem, agora, Nunca: poemas e perguntas sobre tudo e nada*. Sem ano.
- Brandão, Carlos R. *Diário de Campo: a Antropologia como alegoria*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BUTLER, Judith. “*Vida precária*”. *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*. 1(1):13-33, 2011.

CONCONE, Maria Helena V. *Medo de envelhecer ou de parecer?* revista Kairós, São Paulo, 10(2), dez. 2007, pp. 19-44.

DAS, Veena. *Aflição: saúde, doença e pobreza*. Tradução: Bruno Gambarotto. São Paulo: Unifesp, 2023.

Das, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. *Cadernos Pagu*, (37), 9–41, 2011.

Das, Veena. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. Tradução: Bruno Gambarotto. – São Paulo: Editora Unifesp, 2020. – 1 recurso online (312 p.): ePub

Debert, G. G. (1994). Gênero e Envelhecimento. *Revista Estudos Feministas*, 2(3), 33.

DEBERT, Guita G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo. Edusp: Fapesp, 1999.

Douglas M. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva; 2012.

ELIAS, Norbert. *A Solidão dos Moribundos*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Antropologia social*. Lisboa: Ed. 70, 1972.

FBSP. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública / Fórum Brasileiro de Segurança Pública*. – 1 (2006) - . – São Paulo: FBSP, 2023.

Folha de São Paulo. *Censo 2022 IBGE: maioria dos idosos no Brasil são brancos*. 23 de dezembro de 2023. Acesso em 13/04/2023.

FOUCAULT, Michel. *Dizer a verdade sobre si*. São Paulo: UBU Editora, 2022.

FRANÇA, Isadora. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado. Programa de Doutorado em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.

HENNING, Carlos E. *Paixões, Tiozões, Tias e Cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014.

Kusserow, Adrie. *Opening Up Fieldwork with Ethnographic Poetry*. *Anthropologica*, 62, p. 430-6, 2020.

Lins de Barros, Myriam. *Trajetória dos estudos de velhice no Brasil*. *SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS*, n.º 52, 2006, pp. 109-132

LORDE, Audre. *Irmã outsider*, tradução Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MADEIRA, Carla. *A natureza da mordida*. Rio de Janeiro: Record, 2022.

MADERUELO, Javier. La definición de Paisaje. In: MADERUELO, Javier. El Paisaje: Génesis de un concepto. Madrid; Abada Editores, 2a ed., 2006, p. 15-39.

MAHMOOD, Saba. “Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito”. *Etnográfica*, Coimbra, v. 10, n. 1, p. 121-158, 2006. Disponível em <https://journals.openedition.org/etnografica/6431> Acesso em 29/03/2026.

Mahmood, Saba. *The Politics of Piety*. Princeton: Princeton University Press, 2004.

MARTIN, Nastassja. 2021. *Escute as feras*. São Paulo: Editora 34.

MAUSS, Marcel. *Manual de Etnografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

MAYNARD, Kent; CHAN-MANN-TAYLOR, Melissa. *Anthropology at the Edge of Words: Where Poetry and Ethnography Meet*. *Anthropology and Humanism*, Vol. 35, Issue 1, pp 2–19, ISSN 1559-9167, online ISSN 1548-1409, 2010.

MDHC. *População em situação de rua: diagnóstico com base nos dados e informações disponíveis em registros administrativos e sistemas do Governo Federal*. Brasília, 2023.

NEGRETTI, NATALIA. Até onde a memória (quer) alcança(r) e lembretes prudentes: velhices no Brasil, Lei dos Sexagenários e não novos trajetos de população em situação de rua mais velha no país. *REVISTA AO LARGO*, v. 1, p. 41-59, 2025.

NEGRETTI, NEGRETTI, Natalia. Antietarismo é questão para todas as gerações. Caderno opinião. *Folha de São Paulo*, 20 de maio de 2023.

NEGRETTI, Natalia. *Veia arada e roçadura*: Paisagens de envelhecimentos e de velhices (no prelo). 2026.

NEGRETTI, Natalia. *Veia arada*: velhices e situações de rua, uma etnografia. recurso online (2v.) Tese (doutorado). Unicamp, 2023.

ROCHA, Ana Luiza; ECKERTt, Cornelia. *Etnografia da duração*: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

ROSALDO, Michele Zimbalist. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. Em direção a uma antropologia do self e do sentimento. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 18, n. 54, pp. 31- 49, 2019.

SANDEVILLE JR., EULER. Paisagem. *Revista Paisagem e ambiente*, São Paulo, v. 20, 2005, p. 47-60.

SANDEVILLE JR., Euler. Paisagens e métodos. Algumas contribuições para elaboração de roteiros de estudo da paisagem intraurbana. *Revista Paisagens em debate*. Disponível em <http://www.usp.br/fau/deprojeto/gdpa>, 2004.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado*: fundamentos Teórico e

metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994. Disponível em: <
<http://geocrocetti.com/msantos/tecnica.pdf>
<http://geocrocetti.com/msantos/tecnica.pdf>>

SIMÕES, Julio Assis. *Entre o lobby e as ruas: movimento de aposentados e politização da aposentadoria*. Tese de Doutorado. Programa de Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas, 2000.

Weber, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo?. *Horiz antropol* [Internet]. 2009Jul;15(32):157–70.

Agradecimentos

Agradeço às pessoas interlocutoras do estudo etnográfico a partir da Estação Sentinela e às que participam da pesquisa no Hospital Dom Pedro II. Agradeço ao Inácio Loiola Firmino pelos incentivos. Nesse sentido agradeço também à minha irmã, Letícia Negretti, a quem mostrei um dos poemas etnográficos e quem, ao conversar sobre, me impulsionou a tentar expressar esse processo de experimentação etnográfica.

Financiamento

Bolsa de Pesquisa – FAEPEX – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Recebido em 05 de setembro de 2025

Aceito em 13 de março de 2026